

NENHUMA BASE MILITAR ESTRANGEIRA EM NOSSO SOLO!



O povo paulista manifestou em praça pública sua repulsa à entrega de Fernando de Noronha. Aspecto do grande comício do dia 8 em São Paulo

O Dever Supremo dos Militantes de Vanguarda

O MOVIMENTO patriótico contra a entrega de Fernando de Noronha aos militaristas norte-americanos começa a ganhar novas forças, a estender-se por todo o país. No grandioso comício realizado em São Paulo, deputados federais de vários partidos, líderes sindicais e outras personalidades expressaram a indignação do povo brasileiro contra este ato de capitulação do governo do sr. Kubitschek aos imperialistas dos Estados Unidos. Sucederam-se no parlamento as manifestações contrárias ao acôrdo, por parte de representantes de diferentes forças políticas. São cada vez mais numerosas as vozes que se erguem na imprensa. As câmaras municipais de Maceió e de João Pessoa exprimiram o protesto da população nordestina.

EMBORA estas sejam apenas as primeiras manifestações, revelam de modo inequívoco a condenação unânime do povo brasileiro ao acôrdo ignominioso, que viola a soberania nacional e transforma o Brasil em caudatário da máquina de guerra dos Estados Unidos. Cada nova manifestação torna patente que, ao enveredar por uma política entreguista e guerreira, o governo do sr. Kubitschek não pode contar com o apoio das forças populares e patrióticas que o elegeram. Ao ceder Fernando de Noronha a uma nação estrangeira, ao tramar a revisão da política de minérios atômicos, ao mandar sua polícia invadir escolas e associações populares, o governo se choca com a oposição das massas trabalhadoras, das camadas médias e dos setores nacionalistas da burguesia, enfrenta a repulsa de todos os patriotas e democratas. Dentro do próprio partido do governo, o PSD, entre as forças políticas que participam do governo, como o PTB, surgem vozes discordantes, comprovando assim que os atos entreguistas do sr. Kubitschek servem apenas a uma minoria infima de agentes do imperialismo, contra os interesses da maioria absoluta da nação.

SÃO grandes, portanto, são imensas as forças que podem e devem opor-se a esta política antinacional. Se estas forças se unirem e se lançarem à luta com todo o vigor, é possível derrotar a política de capitulação ao imperialismo yanque, é possível conseguir que o acôrdo infame seja submetido ao Congresso e que este anule a entrega de Fernando de Noronha, é possível impedir os novos atentados que se anunciam no terreno do petróleo e dos minérios atômicos. Mas a mobilização destas forças ainda está muito aquém da gravidade da situação, ainda não constitui uma réplica esmagadora à ofensiva entreguista.

A QUEM cabe a responsabilidade principal de mobilizar estas forças, de trabalhar incansavelmente para que saiam às ruas todos os patriotas que se opõem à entrega de Fernando de Noronha e à política entreguista do governo? Inegavelmente, a maior responsabilidade cabe aos comunistas. No momento em que o inimigo odiado de nosso povo planta no solo pátrio sua bandeira de guerra e opressão, não há tarefa mais urgente, não há dever mais sagrado para cada militante de vanguarda que o de colocar-se à frente do povo, nas fábricas, nas ruas, no campo, e procurar unir todos os patriotas para impedir a ocupação de nosso país.

A HORA é de ação, e de ação imediata e enérgica contra a ofensiva imperialista. Nenhum problema de ordem interna, nenhuma outra preocupação deve desviar-nos neste instante do posto de luta à frente das massas. Nada pode servir de justificativa para que não cresça de modo impetuoso a atividade dos elementos de vanguarda, para que não se realizem grandes demonstrações de massas contra a entrega de Fernando de Noronha.

QUE as massas ganhem as ruas e oponham sua vontade poderosa às manobras criminosas dos agentes do imperialismo!

VOZ OPERÁRIA

Nº 406 — RIO DE JANEIRO, 16 DE MARÇO DE 1957

35º ANIVERSÁRIO DO P.C.B.

- ★ A CLASSE OPERÁRIA E O POVO FESTEJARÃO A 25 DE MARÇO A DATA DE FUNDAÇÃO DE SEU PARTIDO, VANGUARDEIRO DA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL, PELA DEMOCRACIA E O SOCIALISMO
- ★ FIEL AOS PRINCÍPIOS DO MARXISMO-LENINISMO E UNIDO EM TÔRNO DO COMITÊ CENTRAL, O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL LUTA À FRENTE DAS MASSAS CONTRA A POLÍTICA DE CAPITULAÇÃO AO IMPERIALISMO IANQUE (COMENTÁRIO NA TERCEIRA PÁGINA)



Crescem as Forças da Paz e do Progresso

CONCLUSÕES DE CHU EN LAI APÓS VISITAR 11 PAÍSES

Prestando contas à Conferência Política Consultiva do Povo Chinês sobre sua recente visita a 11 países da Ásia e da Europa, o primeiro ministro Chu En Lai fez, entre outras, as seguintes declarações: Recentemente o vice-presidente He Lung e eu próprio, credenciados por nosso governo, fizemos visitas de amizade a 11 países da Ásia e da Europa — República Democrática do Viet-Nam, Reino do Camboja, República da Índia, União da Birmanja, República Islâmica do Paquistão, U.R.S.S., República Popular da Polónia, República Popular da Hungria, Reino do Afeganistão, Reino do Nepal, e Ceilão. As entusiásticas e maciças boas vindas dadas a nós pelos povos desses 11 países, e a calorosa recepção concedida a nós por seus governos e líderes deixaram em nós impressão profunda e inapagável... Tivemos cordiais, sinceras e amigáveis conversações com os líderes dos 11 países, e emitimos comunicados ou declarações conjuntas com os líderes governamentais de 10 desses países. Durante nossa estadia na União Soviética, tivemos conversações com a delegação governamental da República Democrática Alemã, então também em visita à União Soviética, e emitimos com ele um comunicado conjunto.

...Através dessas atividades, durante nossa viagem, encontramos não só a amizade dos povos de todos esses 11 países para com o povo chinês, como também o seu desejo de amizade com todos os povos do mundo, observamos também a vontade dos povos de todas essas regiões desenvolver a construção pacífica e salvaguardar a paz mundial...

Deve-se destacar que nossa viagem foi realizada num momento em que as forças imperialistas agressivas desencadeavam ataques contra o campo socialista e o movimento de in-

dependência nacional e anticolonialista, e se esforçavam ao máximo para criar novas tensões; ela se realizou também num momento em que as contradições entre os países imperialistas se tornavam mais agudas. Além disso, foi também nesse momento que as atividades subversivas desenvolvidas pelas forças imperialistas agressivas na Hungria, ataques armados contra o Egito sofriram uma amarga derrota. Vimos nos 4 países socialistas e nos 7 países asiáticos nacionalistas, os quais abrangem em conjunto cerca de 1/3 da população mundial, que o povo se opõe firmemente à guerra, ao colonialismo e às atividades subversivas e que a política imperialista de guerra e de agres-

são se torna cada vez mais impopular, enquanto as forças da paz e do progresso crescem e se tornam mais fortes a cada dia que passa. Essas nações, da mesma forma que a nossa, encontraram no passado dificuldades e revêses de um ou outro tipo, e provavelmente enfrentarão outra no futuro, já que se trata de dificuldades e revêses que se acham no caminho do progresso. As forças socialistas e as forças de independência nacional, desafiando e superando essas dificuldades e revêses, emergirão mais fortes, ao passo que as forças imperialistas continuarão certamente a se enfraquecer, e seus conflitos, interesses certamente se tornarão mais agudos. A rede da história não pode andar para trás. A tendência geral da situação mundial é a do desafogo e do progresso."

SETE DIAS NO MUNDO

REJEITAM AS POTÊNCIAS OCIDENTAIS O PLANO PROPOSTO PELA URSS

As três grandes potências ocidentais EE. UU., Inglaterra e França, acabam de rejeitar o plano apresentado pelo ex-chanceler Shepilov no dia 12 de fevereiro passado. A proposta soviética continha seis pontos: 1) solução pacífica de todas as discórdias; 2) não-ingerência nos assuntos internos dos países do Oriente Médio e

respeito por sua soberania e independência; 3) abandono das tentativas de atrair os países do Oriente Médio para blocos militares; 4) eliminação das bases militares existentes e retirada das forças armadas estrangeiras estacionadas naquela parte do mundo; 5) suspensão de toda entrega de armas aos países do Oriente Médio; 6) ajuda econômica não política, aos países dessa região.

Em oposição a esse plano, que encontrou imensa repercussão em todo o mundo árabe, os países imperialistas apresentaram a Doutrina Eisenhower, através da qual pretendem assegurar a dominação política e econômica do Oriente Médio.

Os últimos soldados de Israel deixaram o território egípcio, sendo assim cumprida a determinação das Nações Unidas. As forças da ONU já ocuparam as regiões de Gaza e Akaba. Ali verificou-se um grave incidente, ao regressarem para seus lares os antigos habitantes de Gaza: as forças da ONU lançaram mão de metralhadoras para impedir que os árabes tomassem suas terras. Assim, as forças da ONU foram utilizadas como tropas repressivas, de massacre de populações civis e não de defesa da paz no Oriente Médio.

OS SOLDADOS ISRAELITAS ABANDONAM GAZA E AKABA

Os últimos soldados de Israel deixaram o território egípcio, sendo assim cumprida a determinação das Nações Unidas. As forças da ONU já ocuparam as regiões de Gaza e Akaba. Ali verificou-se um grave incidente, ao regressarem para seus lares os antigos habitantes de Gaza: as forças da ONU lançaram mão de metralhadoras para impedir que os árabes tomassem suas terras. Assim, as forças da ONU foram utilizadas como tropas repressivas, de massacre de populações civis e não de defesa da paz no Oriente Médio.

No caso dos soldados brasileiros, não podemos admitir que os mesmos sejam aproveitados também para tal fim. Isso foi expressamente negado, ao se aprovar a remessa de nossas tropas para Suez.

REABERTO O CANAL DE SUEZ AO TRÁFEGO INTERNACIONAL

Terminados os trabalhos de desobstrução do Canal de Suez, volta essa importante via marítima a ser utilizada por todos os países. A derrota fragorosa sofrida pelos colonialistas anglo-franceses na agressão do Egito ficou assim, evidenciada. O Canal de Suez permanece parte inalienável do território egí-

INAUGURADO O CONGRESSO DOS PINTORES SOVIÉTICOS

Discussão dos problemas da arte — Intervenção de Chepilov em nome do C.C. do P.C.U.S.

MOSCOU — Foi instalado em Moscou, no Grande Palácio do Kremlin, o Congresso Nacional de Pintores Soviéticos. Assistem ao mesmo, além dos delegados de um grande público, constituído de operários, escritores, artistas e personalidades representantes da cultura da capital soviética.

O destacado pintor soviético, Boris Iogansen, pronunciou o informe principal sobre o desenvolvimento das artes plásticas soviéticas e as principais tarefas a serem realizadas.

O informante recordou, em primeiro lugar, as tradições realistas, legadas pelos grandes mestres russos do pincel e do buril, tradições a que são fiéis, em suas obras, os pintores soviéticos.

A REALIDADE

Iogansen falou detalhadamente de como nas diferentes etapas porque passou a vida do Estado socialista, os pintores e os escultores soviéticos se esforçaram para mostrar a realidade em toda a sua pureza; criaram os traços peculiares do homem contemporâneo, refletiram, em suas pinturas e esculturas, o que surgia de melhor na sociedade soviética. Ao mesmo tempo, fustigaram valentemente os remanescentes de um passado que ainda se manifesta em pessoas isoladamente.

As artes plásticas soviéticas conseguiram relevantes êxitos no caminho de seu desenvolvimento, mas, nem todas as obras dos pintores e escultores soviéticos são bem acolhidas pelo público. "Há trabalhos que não expressam a vida, que a refletem de forma simplista; é necessário acabar, para sempre, com estes e outros defeitos, livrar deles as artes plásticas soviéticas", disse o informante.

REALISMO SOCIALISTA

"O realismo socialista, que exige uma justa compreensão da vida e uma elevada maestria profissional, permite aos pintores e escultores soviéticos, trabalhar de uma forma capaz de semear emoções no coração de todos, introduzir nas amplas massas as idéias do humanismo, de criar, em uma palavra, obras nas quais o conteúdo e a forma sejam inseparáveis, e se penetrem profundamente".

FALA CHEPILOV

Dimitri Chepilov, Secretário do Comitê Central do Partido Comunista da URSS, fez uso da palavra na primeira sessão do Con-

gresso, saudando aos delegados, em nome do Comitê Central do Partido Comunista.

Na saudação afirmou que a obra dos pintores e escultores soviéticos ocupa um posto de honra no trabalho geral e criador dos soviéticos.

"O Partido Comunista e o povo soviético, continuou, esperam

dos pintores e escultores de nosso país, obras que façam sentir às pessoas, que dêem satisfação estética, que enobrem e embelezem a vida".

"O Comitê Central do Partido Comunista da URSS deseja aos pintores e escultores soviéticos novos êxitos em seu trabalho criador".



A DOCTRINA EISENHOWER PARA O ORIENTE MEDIO

O presidente dos Estados Unidos sancionou no dia 9 a resolução conhecida como "doutrina Eisenhower para o Oriente Médio". A pretensão de preencher um pretense "vácuo" criado naquela região pela derrota dos imperialismos inglês e francês, e de "assegurar a proteção militar e econômica do Oriente Médio contra o comunismo", a resolução concede ao presidente dos Estados Unidos plenos poderes para o emprego de forças armadas norte-americanas, e o autoriza a gastar até o mês de julho próximo a quantia de 200 milhões de dólares, a título de "fortalecimento econômico contra a subversão comunista".

Simultaneamente anuncia-se que as três grandes potências ocidentais decidiram rejeitar o plano de paz para o Oriente Médio, apresentado em 12 de fevereiro último por Chepilov, em nome do governo soviético, e que compreende os seguintes pontos: solução pacífica de todas as divergências; não interferência nos assuntos internos dos países do Oriente Médio e respeito à sua soberania e independência; abandono das tentativas de colocar esses países no seio de blocos militares, como o pacto de Bagdad; eliminação das bases militares estrangeiras existentes e retirada das forças militares estrangeiras estacionadas na região; cessação de todo e qualquer fornecimento de armas a países do Oriente Médio; auxílio econômico a esses países.

A doutrina Eisenhower constitui a mais descarada tentativa de ingerência nos assuntos internos dos países árabes e terá como consequência a criação de um perigoso foco de tensão no Oriente Médio. Os imperialistas norte-americanos, ao mesmo tempo em que se propõem a substituir seus competidores anglo-britânicos, visam interromper a marcha vitoriosa dos povos árabes para a sua emancipação nacional e assegurar o domínio total daquela região, detentora das maiores reservas petrolíferas do mundo. Além disso pretendem incorporar todos os países do Oriente Médio à política de preparação para a guerra que desenvolvem aceleradamente em todo o mundo, principalmente após os acontecimentos da última semana de outubro e da primeira semana de novembro.

Não é possível realmente desligar a doutrina Eisenhower do quadro geral de tentativa de restabelecimento da guerra fria e de intensificação dos preparativos guerreiros, a que assistimos, e que já conduziu a um certo reagravamento da tensão internacional. A derrota da contrarrevolução na Hungria, inspirada e abertamente apoiada pelos imperialistas norte-americanos, e da agressão anglo-franco-israelense ao Egito, seguida do fracasso das desesperadas provocações fascistas dos dias 7 e 8 de novembro, nas principais capitais europeias, constituíram uma comprovação prática da tese de que na atual situação internacional as forças da paz são suficientemente fortes para impor a sua vontade e impedir uma

terceira guerra mundial. As forças da paz demonstraram mesmo que são hoje em dia capazes de fazer cessar no nascedouro, no seu foco mesmo, uma guerra já iniciada. Constituiria no entanto uma insensatez e criminosa subestimar os perigos ainda existentes, e que só desaparecerão com a eliminação do próprio imperialismo.

A doutrina Eisenhower não constitui portanto coisa isolada, e para ser bem compreendida, deve ser apreciada ao lado de outros fatos, tais como: a recente reorganização da OTAN, com a criação de unidades especiais equipadas com armas atômicas, em todos os países membros do tratado do Atlântico Norte, e a aceleração do rearmamento da Alemanha Ocidental; a nomeação do antigo general nazista Speidel, ex-chefe do estado-maior de Romel, para o comando das forças da OTAN na Europa continental; os novos passos para a organização da chamada "pequena Europa", que perpetuaria a divisão da Europa em blocos militares hostis, com o sacrifício da soberania dos países da Europa ocidental, que se agrupariam sob a hegemonia evidente da Alemanha de Adenauer, (aprovação dos tratados da "Euratom" e do "mercado comum", e planificação da chamada "guerra atômica teleguiada", que inclui a concessão de novas bases militares em diversos países, inclusive a de Fernando de Noronha, no Brasil; as tentativas de golpe militar-fascista na Indonésia, seguidas da presente reunião da SEATO com a participação de Foster Dulles; a ofensiva ideológica do imperialismo, em seus vãos esforços de desagregação e desmoralização dos partidos comunistas, e de quebra de unidade do movimento comunista internacional.

Essas tentativas das forças da guerra e do imperialismo chocam-se no entanto com a vontade dos povos, e estão condenadas ao mais completo fracasso, desde que as forças da paz se mantenham ativas e vigilantes. A doutrina Eisenhower é repelida com indignação pelos povos árabes. Os governos do Egito, Síria, Jordânia e Arábia, em reunião recente, no Cairo, protestaram contra a tese de que existe um "vácuo" a preencher no Oriente Médio. A política firme do Egito, que não admite quaisquer concessões aos agressores de ontem, vai derrotando de uma em uma todas as manobras tendentes a interferir em seus assuntos internos, a pretensão de "liberdade de navegação", ou a perpetuar a ocupação de partes do seu território. Os povos árabes têm a seu lado os países de Bandung e todo o campo socialista, com a União Soviética à frente, e contam com a simpatia dos demais povos. Têm, portanto, todas as condições para se oporem à "doutrina Eisenhower", e às intimidações e manobras divisionistas já iniciadas pelos emissários de Washington.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável
Mário Alves

MATRIZ:
Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:
Anual 100,00
Semestral 60,00
Trimestral 30,00
Núm. avulso 2,00
Núm. atrasado 3,00

Aérea ou sob registro, despesas à parte:
Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte 2,00
Goiás e interior de Amazonas e Territórios 4,00
Outros Estados 3,00
M. Gerais 2,50

SUCURSAS:
SAO PAULO — Rua dos Estudantes n° 84 s/ 28, 2º and. — Tel. 37-4983.
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, n° 66, s/ 43.
RECIFE — Rua Floriano Peixoto n° 85 — 3º and. — s/ 326.
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, n° 1.248 — s/22 — Tel. 1-13-03.
SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe, 67 — Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada).
JOAO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º and. — Salas 3 e 4.

A TAREFA NUMERO UM DOS PATRIOTAS

Para todos os patriotas, sempre foi motivo de orgulho o fato de que o Brasil, desde a proclamação da independência, jamais teve em tempo de paz o seu território ocupado por soldados de outras nações. As tentativas de governos estrangeiros para ocupar militarmente qualquer ponto da terra brasileira sempre foram repelidas e derrotadas. Passados, no entanto, 134 anos da conquista de sua independência política, o país é afrontado com a cessão de parte do território nacional a uma potência estrangeira.

VERGONHOSO ATENTADO CONTRA A CULTURA

A polícia do governo Kubitschek, em plena Capital da República, invade a «Escola do Povo», tradicional instituição carioca

Durante a última quinzena de fevereiro, dezenas de milhares de homens e mulheres revessavam-se noite e dia, nos vários bairros do Rio de Janeiro, em longas filas, as mais dramáticas das filas; eram pais e mães que lutavam desesperadamente para que seus filhos não ficassem entre as 300.000 crianças que não têm o direito de se alfabetizar, na Capital da República, por falta de escolas e professores.

Precisamente quando era anunciada aquela espantosa cifra e quando o Sr. Presidente da República declarava aos jornais que assumiria pessoalmente o comando da «batalha do ensino», belenguias da polícia carioca invadiam a «Escola do Povo» vasculhando-lhe salas e biblioteca, prendiam professores e lacravam as suas portas.

Tradicional instituição carioca, há longos anos mantém a «Escola do Povo» cursos noturnos gratuitos de alfabetização de adultos, línguas, artes gráficas e plásticas, além de rudimentos de diferentes ofícios, como torneiro mecânico, jornalismo, teatro, etc. Auxiliada

por modestas subvenções do Ministério da Educação e da Prefeitura, era no entanto mantida, principalmente, graças à abnegação de um punhado de professores e ao carinho e trabalho dos próprios alunos.

Autêntica universidade popular, exemplo magnífico de luta contra a incultura, não podia deixar de figurar no índice dos mortais inimigos de nosso povo.

Goebels punha a mão no revólver ao ouvir a palavra cultura. Seus órfãos em nossa terra, os Pena Botos e suas agências de denúncias, há anos vinham pedindo o fechamento da Escola do Povo. Mas o atentado brutal praticado pela polícia do Sr. Kubitschek não havia sido ousado nem mesmo durante o governo obscurantista de Dutra.

É vergonhosa, é infamante para qualquer governo a ação policial que teve por teatro a Capital da República.

Sobretudo, é do agrado dos imperialistas ianques, que a aplaudem como servidora de sua multiforme investida contra o nosso povo. É mesmo do estilo dos monopolistas que mantêm nos chamados «conselhos de administração» das universidades norte-americanas, não os mestres dos vários ramos da ciência, mas os grandes banqueiros industriais e comerciantes, a policiar as cátedras no interesse da manutenção dos seus monopólios e privilégios.

A «Escola do Povo» será defendida. Pelos torneiros mecânicos que ali aprenderam o seu ofício, pelos jornalistas, artistas, pelos milhares de adultos que foram alfabetizados, por todos os democratas com os seus protestos e o seu apoio.

Sobreviverá aos ataques da polícia e do obscurantismo e frutificará como exemplo da determinação indomável de nosso povo de lutar contra a opressão e a ignorância.

MAURÍCIO GRABOIS

A assinatura do chamado «ajuste» sobre Fernando de Noronha pelo governo do sr. Juscelino Kubitschek permite que forças armadas norte-americanas ocupem e controlem aquela ilha. Este ato é uma violação aberta da soberania nacional e uma ameaça das mais graves para a vida do povo. Causa pasmo e indignação este gesto de um governo que se diz brasileiro e se apresenta como defensor do desenvolvimento econômico e do progresso do país.

A gravidade da situação que resulta da entrega de Fernando de Noronha não consiste somente em que esta decisão atinge a soberania nacional. A medida tomada revela que o governo envereda pelo caminho da completa capitulação aos monopolistas norte-americanos, e realiza agora nas questões básicas uma política contrária aos interesses do povo e das massas populares. É necessário recordar que os governos anteriores, governos tão reacionários e impopulares como os de Dutra e Café Filho, não ousaram tomar decisão de tamanha gravidade. É sumamente perigoso para o povo brasileiro este caminho por onde começa a trilhar o sr. Juscelino Kubitschek.

A ocupação de Fernando de Noronha trará para o país as mais funestas consequências. O acordo concertado pelo governo inclui o Brasil no dispositivo agressivo dos militaristas dos Estados Unidos. Isto significa que o país, contra a vontade e os interesses de seu povo, seria envolvido num conflito armado caso os imperialistas norte-americanos conseguissem desencadear a guerra contra a União Soviética e demais nações amantes da paz. Fernando de Noronha, como base ianque de projéteis teleguiados, servirá de ponto de apoio para a agressão e, portanto, terá que sofrer as represálias dos agredidos. Uma guerra de tal natureza seria catastrófica para os destinos da nação e do povo brasileiro.

Mas o «ajuste» sobre a entrega de Fernando de Noronha já começa a repercutir ameaçadoramente. Sob o pretexto de que a região do nordeste brasileiro «está sempre ameaçada, em virtude de sua própria situação geográfica» — como declarou o embaixador Amaral Peixoto — novas bases estão sendo exigidas agora no território continental. Trata-se da ocupação de pontos estratégicos do país por soldados norte-americanos, para que os magnatas de Wall Street mantenham o Brasil ainda mais subjugado, intensifiquem a exploração das massas populares.

A entrega de Fernando de Noronha aos militaristas dos Estados Unidos determinará, ao mesmo tempo, a realização de uma política de militarização, de maiores verbas para as despesas de caráter militar. Tal política agravará ainda mais o surto inflacionário que caracteriza a situação financeira do país. Tudo isto conduzirá a um aumento sem precedentes do custo de vida, que cresce vertiginosamente de ano para ano. Se em 1956, segundo tabelas publicadas pelo Estabelecimento Central de Subsistência do Exército, o custo de vida se elevou em cerca de 42%, pode-se facilmente adivinhar o ritmo de desenvolvimento da carestia de vida se o governo levar a cabo uma política de militarização.

Por sua vez, o «ajuste» antipatriótico sobre Fernando de Noronha terá profunda repercussão sobre as franquias democráticas ainda existentes. O atual governo, que já vem realizando uma política de restrições às liberdades públicas, fechando organizações patrióticas e populares, invadindo domicílios e ameaçando a imprensa independente, procurará, com o objetivo de cumprir o acordo, golpear ainda mais o movimento democrático e patriótico. Apelará para as medidas liberticidas a fim de conter a revolta e os protestos das massas.

Ao assinar o acordo sobre Fernando de Noronha, o governo representado pelo velho agente dos monopólios internacionais Macedo Soares feriu profundamente os sentimentos nacionais. Todo aquele que ama o Brasil treme de indignação ao tomar conhecimento deste ato de lesa-pátria. Nos diversos setores da população ouve-se a condenação veemente ao gesto do governo. A luta para impedir que Fernando de Noronha

seja ocupada encontra o maior número de partidários em todas as classes e camadas sociais. Contra a ocupação de parte do território nacional por soldados de uma potência estrangeira é possível organizar uma extensa coalizão, mais ampla até hoje organizada. Nela se incluem não só a classe operária, os trabalhadores da cidade e do campo, como também, forças políticas que apolam o governo ou lhe fazem oposição. As manifestações patrióticas da «frente parlamentar nacionalista», composta de deputados das mais diferentes tendências, revela a amplitude do movimento contra a entrega de Fernando de Noronha aos militaristas estadunidenses.

É possível anular o acordo assinado pelo governo. A medida que as massas fôrem se esclarecendo, a luta para alcançar este objetivo se transformará em um movimento irresistível, difícil de conter. Mas, no momento, esta luta ainda é débil e não está em condições de impor a denúncia do «ajuste» assinado pelo governo. A luta agora apenas se inicia. No parlamento, erguem suas vozes representantes do povo pertencentes a todos os partidos. Vários legislativos estaduais e municipais protestam. Comícios e atos públicos se realizam. Mas, como se vê, isto ainda é insuficiente. O decisivo é a mobilização das grandes massas em todos os recantos do país.

Esta luta exige que se tenha o máximo de iniciativa e espírito unitário, utilizando-se todas as oportunidades para desmascarar o crime que se comete contra a nação. A classe operária nas empresas e nos sindicatos, os camponeses nas fazendas, os estudantes nas escolas e nas suas organizações, o povo nas ruas, derrotarão os que querem entregar parte do território brasileiro aos imperialistas norte-americanos. No momento, a primeira etapa da luta é exigir que o «ajuste» seja discutido e examinado pelo parlamento, conforme estabelece a Constituição.

No movimento patriótico contra a entrega de Fernando de Noronha os comunistas estão nas primeiras filas. De sua iniciativa, capacidade de mobilização e espírito de luta dependerá, em boa parte, a vitória do povo. Nada pode desviá-los deste grande combate. Ao mesmo tempo que se empenham na discussão dos problemas do Partido, os comunistas compreendem que sua tarefa primordial é marchar à frente das massas na luta contra o imperialismo norte-americano. Os comunistas têm consciência de que a vitória da campanha só será alcançada pelas massas. Somente elas podem evitar que soldados ianques pisem em terras brasileiras.

Hoje, a tarefa número um de todo patriota é impedir que Fernando de Noronha seja ocupada. A conquista deste objetivo será uma contribuição decisiva para barrar a política antinacional do sr. Juscelino Kubitschek e obrigá-lo a cumprir os compromissos que assumiu com o povo durante as eleições de outubro de 1955.

DEFENDAMOS O BRASIL, EVITANDO QUE FERNANDO DE NORONHA SEJA BASE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE!
O Brasil é, por tradição, uma nação amante da paz. Não temos nenhum interesse em provocativos de guerra contra qualquer nação. Somos um povo amante de nossa independência. Os rulos de nossa história, Felipe Camarão, Tiradentes, Floriano Peixoto e outros, sempre souberam repelir com altivez as pretensões daqueles que quiseram ferir o soberano de Brasil! Não podemos, portanto, admitir que qualquer outra nação, no caso dos Estados Unidos, tenham a pretensão de se apoderar de parte de nosso território. Umam-nos contra a instalação de bases norte-americanas em Fernando de Noronha! Esta terra tem dono!
★ Não nos deixemos enganar! Tais bases terão como objetivo servir os interesses dos Estados Unidos da América do Norte para atender suas objetivos belicistas e não para defender nosso país! Não consentamos sob qualquer pretexto em entregar Fernando de Noronha! O Brasil para os brasileiros! Que tal o Congresso Nacional! Que delibera contra esta pretensão odiosa!
DIRIJAM-SE por telefone, telegrama, carta, aos jornais, às autoridades e ao Congresso Nacional. Bases norte-americanas em Fernando de Noronha. NUNCA!

NAO ENTREGAREMOS FERNANDO DE NORONHA



NAO CEDEREMOS FERNANDO DE NORONHA

35º ANIVERSARIO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

EDIÇÃO COMEMORATIVA DA VOZ OPERÁRIA

A CLASSE operária e o povo brasileiro comemoram no próximo dia 25 um acontecimento de profunda significação para o movimento proletário e democrático de nosso país — o 35º aniversário do Partido Comunista do Brasil.

Fundado a 25 de março de 1922, no calor das lutas operárias que abalavam o país, o PCB viveu até hoje trinta e cinco anos de combates incessantes pelos interesses vitais das massas trabalhadoras, contra a opressão imperialista, pelas liberdades democráticas e em defesa da paz. Partido da classe operária, educou milhares de combatentes revolucionários na fidelidade aos princípios provados do marxismo-leninismo, no espírito do internacionalismo proletário, na dedicação sem limites à causa do socialismo. Apesar das brutais perseguições policiais e das restrições impostas pela clandestinidade, o PCB sempre se manteve à frente da classe operária em suas lutas, cumpriu com honra seu papel de vanguarda. Por essa razão, tornou-se o grande partido querido e respeitado por milhões de brasileiros, que nele vêem a garantia de um futuro melhor para nosso povo.

Ao festejar seu 35º aniversário, o Partido Comunista do Brasil ergue bem alto sua bandeira de luta, mantém-se fiel às suas tradições gloriosas. Os comunistas se encontram à frente das massas na luta contra as medidas

entreguistas do governo do sr. Kubitschek, pela anulação do humilhante acordo sobre Fernando de Noronha, para derrotar a política de capitulação ante o imperialismo norte-americano. Nos sindicatos, nas empresas, em íntimo contacto com o povo trabalhador, os militantes de vanguarda lutam pelas reivindicações imediatas das grandes massas, esforçam-se por organizá-las e ajudam-nas a forjar sua unidade. Fiel ao internacionalismo proletário, o PCB acompanha vigilante as manobras do inimigo contra a coesão do campo do socialismo e presta sua solidariedade ativa aos partidos irmãos da União Soviética, da China, das democracias populares e de todos os países ainda oprimidos pelo jugo imperialista. No curso de sua luta, os comunistas brasileiros aplicam o método leninista da crítica e da autocrítica, examinam os lados negativos e positivos de sua atividade, buscam corrigir os erros cometidos, sempre com o objetivo de fortalecer a unidade do Partido em torno do Comitê Central, que tem à frente o camarada Prestes.

A data memorável de 25 de março será festejada mais uma vez, com grande entusiasmo, pelos trabalhadores da cidade e do campo, pelos intelectuais progressistas, por todos os patriotas e democratas. VOZ OPERÁRIA dedicará à grande data uma edição comemorativa, que circulará no dia 22 de março.

VOZ OPERÁRIA

Comunicamos aos nossos leitores e agentes que, a partir deste número, deixou a direção da VOZ OPERÁRIA nosso companheiro Aydano do Couto Ferraz, sendo substituído nestas funções pelo companheiro Mário Alves.

AOS NOSSOS LEITORES E AGENTES, A TODOS OS AMIGOS DA

VOZ OPERÁRIA

Tendo sido interrompida por duas semanas a publicação de nosso semanário, agravaram-se seriamente suas dificuldades financeiras, para a solução das quais já vinhamos pedindo a ajuda de nossos amigos e leitores.

A direção da VOZ OPERÁRIA se vê forçada, portanto, a lançar um novo apelo solicitando o auxílio de todos os patriotas e democratas, de todos os elementos progressistas, para dade que possa superar a difícil situação em que se encontra.

Dirigimo-nos espècialmente às nossas agências e sucursais, pedindo-lhes que providenciem com a maior urgência possível o pagamento das suas quotas, inclusive a cobertura dos atrasados, e promovam um trabalho especial de finanças para atender às dificuldades momentâneas que a VOZ atravessa.

Todos os pagamentos e valores devem ser enviados para: Henrique Cordeiro — Avenida Rio Branco 257 — 17º andar — sala 1.712 — Rio de Janeiro.

O Projeto de Transformação das Ferrovias Em Sociedade Anônima e Suas Origens

Nova Ameaça à Petrobrás

A luta dos ferroviários contra a transformação das ferrovias do país em sociedade anônima tem dois objetivos: em primeiro lugar, a defesa de seus sagrados direitos conquistados após duras lutas; e em segundo lugar, como patriotas que são, a defesa das ferrovias como um patrimônio da nação, que custou o sangue, e o suor de todo o povo brasileiro.

VOZ OPERÁRIA iniciou uma série de artigos, nos quais, a título de esclarecer se era ou não entreguista o projeto que transforma as ferrovias da União em sociedade anônima, outra coisa não fez senão semear a confusão nos meios ferroviários. E assim deixou de cumprir sua importante missão de jornal esclarecedor e educador das massas.

No nº 307, de 22.12.56 voltou a VOZ OPERÁRIA a afirmar que o projeto não é entreguista. E diz: "Já teve oportunidade de analisar o projeto, recentemente, retificando conceitos anteriormente emitidos, antes de um estudo mais circunstanciado do projeto e da situação concreta da nossa parque ferroviário. Achamos, então, sem por isto deixar de levar na devida atenção as opiniões em contrário, que o projeto nada tem de entreguista e não coloca, de nenhum modo, nossas ferrovias sob o controle dos monopólios norte-americanos".

Lamentamos ter que contrariar essa argumentação de VOZ OPERÁRIA pois a mesma não convence os ferroviários, nem ao povo brasileiro, porque parte de uma premissa falsa. Faz a análise do projeto em si, sem examinar as suas origens, os objetivos ocultos que não aparecem na forma nem no conteúdo do referido projeto.

Tencionamos neste artigo fornecer elementos que possam vir a esclarecer o assunto, sem contudo dar por encerrado o debate. Não podemos definir se o projeto de transformação das ferrovias em sociedade anônima é entreguista sem fazer um exame político da situação brasileira e de sua conexão com a situação internacional, bem como de ligações e compromissos dos governos de Dutra, Getúlio, Café Filho e, por último, do sr. Juscelino Kubitschek, com o governo dos Estados Unidos. É do conhecimento do povo brasileiro que o governo de Dutra assumiu, através do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, o compromisso ignominioso de atrelar o nosso país ao carro de guerra dos Estados Unidos. Depois desse famigerado acordo, surgiu a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. E foi esta Comissão quem elaborou os planos para a transformação das ferrovias do país em sociedade anônima, o que significam colocar os transportes ferroviários a serviço da projetada guerra que até os dias atuais continua como um fantasma para os governos do Brasil.

O projeto percorreu "via sacra" e só foi enviado à Câmara dos Deputados pelo governo do sr. Getúlio Vargas, em 1952. Era um verdadeiro monstro. Para ser discutido, foi preciso ser nomeado uma Comissão especial para dar parecer. Esta Comissão elaborou um substitutivo que, para ser aprovado em 1953, foi preciso que o Ministro da Viação fosse convocado à Câmara para dar explicações sobre os seus objetivos. Aproveitou-se o Ministro

AGOSTINHO DIAS DE OLIVEIRA

Marcondes Ferraz da tribuna da Câmara dos Deputados para fazer uma pregação entreguista, elogiar os Estados Unidos e seu serviço ferroviário e assacar as maiores ofensas à dignidade dos trabalhadores ferroviários. Chegou mesmo a afirmar: "Era preciso uma semi-militarização das ferrovias a fim de os ferroviários obedecerem a uma disciplina de trabalho, porque estes só tinham direitos e não tinham deveres".

O sr. Marcondes Ferraz responsabilizou os ferroviários e os administradores das ferrovias pelos déficits existentes nas mesmas, mas não teve a coragem de consultar as estatísticas, que revelam o contrário de suas afirmações. As ferrovias do país começaram a ser deficitárias depois de 1945, e as causas desses déficits são encontradas na falta de renovação do material ferroviário. Mesmo com a instituição da taxa dupla de 10% cobrada desde 1945 sobre as tarifas e com os dispositivos da lei 272 de 1948, que oneraram os fretes e as passagens, não foi possível a renovação do material que se tornou obsoleto. E o mais grave é que em algumas ferrovias, como por exemplo a Central do Brasil, o material ficou em péssimas condições em virtude do transporte intensivo de minérios, com os vagões suportando uma lotação acima de sua capacidade, tudo realizado para atender exclusivamente, às necessidades guerreiras dos Estados Unidos.

O relatório apresentado ao IV Congresso Nacional Ferroviário abordou com dados insofismáveis as causas dos déficits das ferrovias do país e mostrou como as mesmas podiam tornar-se úteis e eficientes para o desenvolvimento da economia nacional e ainda dar lucros. Exemplificou com a Estrada de Ferro Sorocabana que era deficitária e passou a dar grandes lucros após a eletrificação de grande parte de suas linhas.

Desse modo, todas as justificativas apresentadas para a transformação das ferrovias em sociedade anônima foram ram para os deputados comitê obscuros que não chegaram a compreender os objetivos visados pelo governo com o projeto, sendo preciso explicações do Ministro da Viação e do Diretor do Departamento Nacional de Estrada de Ferro, as quais se basearam nos planos da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que tinham por fim o empréstimo do Eximbank e a compra de material ferroviário nos Estados Unidos.

Tudo isso ocorreu nos governos passados. Mas, com o atual governo do sr. Juscelino Kubitschek, porque o projeto tramita na Câmara e no Senado, sendo de origem entreguista? É aí que a VOZ OPERÁRIA acha que tendo sido corrigida uma tese teórica (de que o atual governo do país é "um instrumento útil e necessário" da dominação imperialista yanque no país) não é mais entreguista o projeto. Esquecem-se os redatores da VOZ que Juscelino na Conferência do Panamá assumiu compromissos com os monopólios norte-americanos para, a fim de obter o empréstimo de 151 milhões de dólares para a compra do material ferroviário e portuário fazer aprovar o projeto elaborado pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. E o empréstimo deve ser feito no Exim-

bank, como projetou a dita Comissão.

Esse compromisso do atual governo brasileiro é lesivo aos interesses da economia nacional, pois quem vai pagar esse empréstimo é o povo brasileiro.

Não era entreguista o projeto se o governo não tivesse se submetido ao Eximbank. Este estabeleceu a condição de que só concederia o empréstimo quando o projeto que transforma as ferrovias do país em sociedade anônima fosse aprovado. As condições desses empréstimos são humilhantes. Ficamos obrigados a comprar o material ferroviário nos Estados Unidos e sem concorrência pública, como é do conhecimento dos trabalhadores das estradas de ferro do Brasil, em concorrência pública com os fabricantes de material ferroviário da Inglaterra, França, Itália, Polónia, Alemanha Japão e até com os fabricantes de material em nosso país, como a IRFA e a MAFERSA, os fabricantes dos Estados Unidos seriam vencidos. Em todas as concorrências abertas, o parque industrial norte-americano tem sido vencido em virtude dos preços mais baixos oferecidos pelos industriais da Inglaterra e da Alemanha.

O caráter entreguista do projeto se evidencia quando homens respeitáveis como o engenheiro Artur Pereira Castilho emitiram opinião de que a transformação das ferrovias em sociedade anônima não daria resultado, baseados nos exemplos, das grandes nações, onde as ferrovias sob administração privada fracassaram.

Os ferroviários e o povo precisam ser esclarecidos sobre este assunto. Isso não será possível se tivermos receio

de dizer a verdade. A VOZ OPERÁRIA tem esta missão — defender justas teses que coloquem os interesses de classe do proletariado a salvo dos entreguistas, combater a capitulação da burguesia amedrontada com os arreganhos do imperialismo norte-americano.

Não podemos ser contra a modernização das ferrovias do país, nem contra a sua uniformização. Isso será benéfico para a economia nacional. Mas é necessário que isso se processe guardando-se os interesses da economia nacional e a soberania do país, e em particular os interesses de mais de 200 mil ferroviários.

Os ferroviários e o povo brasileiros são os mais interessados em que o governo do sr. Juscelino Kubitschek resolva o problema dos transportes do país. Isso contribuiria para solucionar o problema do abastecimento de gêneros alimentícios aos grandes centros consumidores. Mas que isso não se faça de modo a ficarmos submetidos aos trustes e monopólios norte-americanos. Estes ao fornecerem material ferroviário num montante de 100 milhões de dólares, continuarão com novos fornecimentos complementares. Nossas ferrovias ficarão com o seu material rodante e sua administração submetidos à standardização que vigora nas ferrovias norte-americanas.

Penso que este artigo de um velho ferroviário contribuirá para esclarecer alguns pontos obscuros sobre a origem do projeto que transforma as ferrovias em sociedade anônima. Assim, apelo aos ferroviários, bem como a todo o povo brasileiro, para que se unam para a luta contra os tratados lesivos à economia nacional e à soberania da nação. Isso significa lutar con-

Coincidindo com os ataques ao presidente da Petrobrás, Sr. Janary Nunes, por parte da imprensa amarela encabeçada pelo "Correio da Manhã", surge na Câmara dos Deputados o projeto Adolfo Gentil, que pretende permitir a participação de empresas particulares (consequentemente dos "trustes") na exploração de 49% de nossas áreas petrolíferas.

Torna-se cada vez mais clara, aos olhos de nosso povo, a ofensiva multilateral desencadeada pelos imperialistas yanques, encorajada pela capitulação do governo no caso de Fernando de Noronha. O Sr. Amaral Peixoto, neste momento, se encontra em Washington negociando outros ajustes, "solicitando" ajuda militar e construção de bases aéreas e de radar em pleno nordeste brasileiro.

São os efeitos, para o nosso país, da política de agressão do Pentágono, nas condições do agravamento da tensão internacional provocado pelos imperialistas, desde suas frustradas investidas contra o Egito e a Hungria. Assanham-se os entreguistas e sua imprensa, animados com a capitulação governamental e voltam aos ataques à Petrobrás, ao mesmo tempo em que exigem a mudança da política de minérios atômicos.

Esquecem-se, entretanto, que o "ajuste" capitulacionista de Fernando de Noronha só foi possível mediante o emprego de processos de despidamento e de engodo da opinião pública, durante as férias parlamentares. O sentimento nacional, passada a surpresa e posta a nu a farsa, está se expressando com indignação em todos os pontos de nosso país, em protestos e ação conjugada de todos os brasileiros; a exigir o pronunciamento do Congresso e o repúdio do vergonhoso ajuste.

Em todos os Estados se sucedem as manifestações do povo e dos políticos dos diversos partidos. Proposta por 135 deputados foi instituída uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a política exterior e particularmente sobre a entrega de Fernando de Noronha.

É neste ambiente de mobilização de todas as forças que ressurgem os ataques à Petrobrás, precisamente quando novas e riquíssimas jazidas são descobertas na Amazônia e em Alagoas e quando o Sr. Janary Nunes revela à Nação os magníficos resultados financeiros dessa empresa nacional.

Toda a experiência acumulada por nossa gente, desde as heroicas jornadas contra o Estatuto do Petróleo, todo o ardor patriótico de nossos trabalhadores das cidades e dos campos, da juventude de nossas escolas e fábricas, dos brasileiros da indústria e do comércio, tudo aquilo, enfim, que é cérebro, coração e sangue da nação brasileira, há de se erguer como rocha intransponível, contra a qual se esbororará a vaga do assalto imperialista.

tra o Acordo Brasil-Estados Unidos, em nome do qual se quer aprovar o projeto entreguista que transforma as ferrovias em sociedade anônima. Significa também lutar pela anulação do acordo que entregou Fernando de Noronha aos militaristas dos Estados Unidos.

FORTALECE-SE A UNIDADE DOS MARÍTIMOS

A COMISSÃO PERICIAL EM MÃOS DOS ARMADORES — 300 MILHÕES DE CRUZEIROS PARA ONDE IRÃO? — OS MARÍTIMOS NÃO ABREM MÃO DE SEU DIREITO

Com seu último movimento grevista (20 de setembro do ano passado) os marítimos das empresas particulares obtiveram a assinatura de um aditivo ao acordo de aumento salarial, firmado em março de 1956. Pelo aditivo, aqueles trabalhadores passariam a perceber um aumento de 15 por cento sobre os salários anteriores a março de 56. Além disso, 25% do aumento dos fretes concedidos aos armadores nesta última data (média de 45%) deveriam ser distribuídos entre os marítimos das empresas particulares, de acordo com as respectivas escalas de salários.

Para fazer o cálculo do montante desta percentagem e de sua escala de distribuição ficou constituída uma Comissão Pericial, que devia concluir seus trabalhos com relativa rapidez.

A COMISSÃO PERICIAL EM MÃOS

Mas o fato é que a comissão Pericial, desde o início revelou-se um campo de manobra, para os armadores.

Protelou indefinidamente sem «estudos» — para tanto deixando de realizar normalmente reuniões e, por muito tempo, deixando de convidar para as que promovia representantes dos marítimos e do Ministério do Trabalho. Objetivo claro, evidente desta protelação: deixar extingui-se o prazo de vigência do termo aditivo, que terminaria no próximo 23 de março. Expirado este prazo, sem a conclusão dos trabalhos da Comissão Pericial, os armadores julgar-se-iam desobrigados de cumprir o acordo firmado durante a greve de setembro do ano passado.

DOS ARMADORES 300 MILHÕES DE CRUZEIROS, PARA ONDE IRÃO?

Cálculos matemáticos, levantados por órgãos competentes, indicam que montam a cerca de 300 milhões os totais da percentagem do aumento de fretes que deveria reverter para elevação dos salários dos marítimos das

empresas particulares. Esta quantia, por si só, seria suficiente para equiparar o salário dos marítimos das empresas privadas aos de seus companheiros das autarquias (Loide e Costeira), reivindicação pela qual se batiam quando da greve de setembro. Mas, não só isto: despesa 300 milhões de cruzeiros sobrarão, ainda, o necessário para o pagamento de adicionais e quinquênios, reivindicações antigas da corporação.

Pensando embolsar esses 300 milhões, os armadores manobram, agora, para apresentar como «vantagem» a celebração de um novo de equiparação dos salários aos do Loide e da Costeira. Assim, os marítimos perderiam esses 300 milhões que lhes pertencem de acordo com o termo aditivo assinado em setembro.

NÃO ABREM MÃO

Evidentemente, os marítimos jamais poderiam abrir mão do que lhes pertence de direito — de uma quantia que os próprios armado-

res já embolsaram ao receber o pagamento das cargas transportadas.

No fim do corrente mês, como se sabe, terminará o acordo salarial entre os armadores. Aos marítimos, o que interessa é que sejam aplicados os 25% de aumento das tarifas para fazer face ao aumento dos salários do pessoal das empresas particulares e o quem receber a partir de março de 1956.

Os marítimos esperam que até o dia 23 do corrente mês este seja resolvido de maneira que atendam os seus interesses. Sem isso, marcharão para a greve já decretada para o dia 23 de abril. Aliás esta decisão de todos os presidentes dos sindicatos da orla marítima e dos delegados dos Estados junto à Federação Nacional dos Marítimos, vem recebendo a ratificação dos sindicatos, entre os quais, o Sindicato dos Marinheiros e o Sindicato dos Operários Navais de Niterói.

«Novamente, Sobre a Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado»

«JIMINGIPÁO» (DIÁRIO DO POVO), PEQUIM, DEZEMBRO DE 1956 — TEXTO INTEGRAL

— O jornal "Jimingipáo" ("Diário do Povo") publicou no dia 29 de dezembro último, o seguinte artigo intitulado "Novamente, sobre a experiência histórica da ditadura do proletariado". O artigo foi preparado pelo departamento editorial do "Jimingipáo", à base de uma discussão em reunião ampliada do Biro Político do Comitê Central do Partido Comunista Chinês.

VOZ OPERÁRIA, ao publicar este documento recomenda a seus leitores seja o mesmo objetivo de estudo e debate, dada a excepcional importância das questões por ele abordadas.

EM abril de 1956 discutimos a histórica experiência da ditadura do proletariado em conexão com a questão de Stálin. Desde então, uma subsequente sucessão de fatos no movimento comunista internacional despertou a atenção de nosso povo. A publicação, em jornais chineses, do discurso de 11 de novembro do camarada Tito e os comentários a esse discurso em vários partidos comunistas levaram muita gente a levantar muitas indagações que merecem resposta. No presente artigo tomamos como centro de nossa discussão os seguintes problemas: primeiro, a apreciação do caminho fundamental da revolução e da construção da URSS; segundo, a apreciação dos méritos e dos erros de Stálin; terceiro, a luta contra o doutrinário e o revisionismo; quarto, a solidariedade internacional do proletariado de todos os países.

Os objetivos dos imperialistas

Ao examinarmos as atuais questões internacionais devemos antes de tudo partir do fato fundamental que é o antagonismo entre o bloco imperialista agressivo e as forças populares de todo o mundo. O povo chinês, que muito sofreu em consequência da agressão imperialista, jamais esquecerá que o imperialismo sempre se opôs à libertação de todos os povos e à independência de todas as nações oprimidas, que o imperialismo vê no movimento comunista, que mais resolutamente defende os interesses populares, uma espinha atravessada em sua garganta. Desde o nascimento do primeiro estado socialista, a União Soviética, tem o imperialismo procurado por todos os meios enfraquecê-lo. Depois da formação de todo um grupo de estados socialistas, o antagonismo entre o campo imperialista e o campo socialista e a atividade subversiva aberta daquele contra este último, tornaram-se o fenômeno mais evidente na política mundial. O líder do campo imperialista os Estados Unidos tornou-se ainda mais insano e despujado em suas interferências nos assuntos domésticos dos países socialistas; há anos vem sendo obstaculizada a libertação do território chinês de Taiwan e também há anos os Estados Unidos adotaram como política oficial a subversão nos países do este europeu.

As atividades dos imperialistas nos acontecimentos da Hungria em outubro de 1956 representam o mais grave ataque lançado por eles contra o campo do socialismo, desde a guerra de agressão por eles lançada contra a Coreia. Exatamente como o indicou a decisão do Comitê Central Provisório do Partido Socialista dos Trabalhadores Húngaros, os acontecimentos da Hungria foram determinados por várias causas, internas como também externas e nenhuma exposição unilateral pode ser correta. Pois foi o imperialismo internacional que jogou nesses acontecimentos o papel fundamental e decisivo. Depois da derrota desse complô destinado a restaurar a contra-revolução na Hungria, as potências imperialistas, encabeçadas pelos Estados Unidos, impuseram às Nações Unidas resoluções dirigidas contra a URSS e de intervenção nos assuntos internos da Hungria. Ao mesmo tempo, desencadearam uma campanha de histerismo anticomunista em todo o mundo ocidental. Apesar de que os imperialistas americanos se aproveitaram do malogro anglo-francês em sua guerra de agressão contra o Egito, procurando tomar para si, por todos os meios, o papel da Inglaterra e da França no Oriente Médio e no Norte da África, apelam à Inglaterra e à França no sentido de que eliminem seus «desentendimentos», tendo em vista «uma compreensão mais estreita e mais íntima» para restabelecer a sua frente única contra o comunismo, contra os povos da Ásia e da África e contra os anseios de paz de todo o mundo. Contra o comunismo, os povos e a paz, os países imperialistas devem-se unir — este é o sentido do apelo de Dulles na reunião do conselho da NATO, quando falou numa chamada «necessidade de uma filosofia da vida e de uma ação neste ponto crítico da história do mundo». Ao que parece envenenado por suas próprias ilusões, Dulles afirmou: «A estrutura comunista soviética está em condições de degeneração (!), com o poder dos dirigentes em desintegração (!)... Em face dessa situação as nações livres devem manter sua pressão moral que ajuda a minar o sistema soviético chinês comunista de quem manter sua força militar e sua resolução». Dulles, em seu discurso no conselho da NATO, convidou os países a «derrubar o poderoso despotismo soviético (!) baseado em concepções militaristas (!) e ateístas». Também expressou a opinião de que «uma mudança no caráter do mundo comunista agora parece constituir uma possibilidade real».

A luta de classes em escala mundial

Nós sempre consideramos nossos inimigos como os nossos melhores mestres e agora mesmo Dulles nos está dando uma nova lição. Dulles pode injuriar-nos como já o tem feito mil ou dez mil vezes e isso não constitui novidade. Entretanto, quando Dulles, pondo a questão num plano «filosófico», exige dos países imperialistas que coloquem sua contradição com o comunismo acima de todas as outras contradições, que unam todos os seus esforços tendo em vista «uma modificação do caráter do mundo comunista» e no sentido de minar e destruir o sistema socialista dirigido pela União Soviética, isto constitui uma lição excepcionalmente proveitosa para nós, apesar de que tais esforços de Dulles nada consigam. Embora sempre tenhamos afirmado, ainda afirmamos que os países socialistas e capitalistas

podem coexistir e competir em paz, os imperialistas se esforçam para nos destruir. Portanto nunca devemos esquecer a aguda luta com o inimigo, isto é, a luta de classe em escala mundial.

Há diante de nós dois tipos de contradição que são de caráter oposto. O primeiro tipo consiste de contradições entre nossos inimigos e nós mesmos (contradições entre o campo do imperialismo e o do socialismo, contradições entre o imperialismo e os povos e as nações oprimidas de todo o mundo, contradições entre a burguesia e o proletariado nos países imperialistas, etc.). Este é o tipo fundamental de contradição, baseado no choque dos interesses de classes antagonicas. O segundo tipo consiste em contradições entre camadas do povo (contradições entre diferentes setores do povo, entre camaradas dentro do Partido Comunista ou, nos países socialistas, contradições entre o governo e o povo, contradições entre países socialistas, contradições entre Partidos Comunistas, etc.). Este tipo de contradições não é básico; não é o resultado de um antagonismo fundamental de interesses entre classes, e sim o resultado de conflitos entre opiniões falsas e opiniões justas, de contradições parciais de interesses. É um tipo de contradições cuja solução deve, primeiro e acima de tudo, ficar subordinada ao conjunto dos interesses da luta contra o inimigo. Contradições entre pessoas podem e devem ser resolvidas, partindo-se do desejo da solidariedade, por meio da crítica ou da luta, o que leva a uma nova solidariedade sob condições novas. Na verdade, a vida real não é simples. Algumas vezes é possível que classes cujos interesses fundamentais se encontrem em conflito se unam para lutar contra o inimigo principal. Por outro lado, em condições específicas, uma certa contradição no seio do povo pode gradualmente transformar-se em contradição antagonica, quando uma parte do povo gradualmente se passa para o inimigo. Finalmente, a natureza de uma contradição dessa espécie modifica-se por completo: deixa de pertencer à categoria das contradições no seio do povo, tornando-se parte componente da contradição entre nós mesmos e o inimigo. Tal fenômeno verificou-se na história do Partido Comunista da União Soviética e na do Partido Comunista Chinês. Numa palavra, ninguém que adote o ponto de vista do povo, pode equiparar as contradições no seio do povo com as contradições entre o inimigo e nós mesmos, ou confundir esses dois tipos de contradição, dando lugar a que sejam colocadas as contradições no seio do povo acima das contradições entre o inimigo e nós mesmos. Os que negam a luta de classe e não distinguem entre o inimigo e nós mesmos, de modo algum são comunistas ou marxistas-leninistas.

Julgamos necessário apreciar inicialmente essa questão do ponto de vista fundamental, antes de prosseguirmos no exame das questões a serem discutidas. Do contrário nos arriscaremos a perder o rumo, o que nos tornará incapazes de expor com acerto os acontecimentos internacionais.

Apreciação do caminho fundamental da revolução e da construção na União Soviética

(1) Os ataques dos imperialistas ao movimento comunista internacional foram durante muito tempo concentrados especialmente sobre a União Soviética. As recentes discussões no movimento comunista internacional, em sua maior parte, relacionam-se também com a nossa maneira de avaliar o papel desempenhado pela União Soviética. Por conseguinte, o problema da correta apreciação do caminho fundamental tomado pela União Soviética em sua revolução e construção é uma questão importante, que os marxistas-leninistas devem resolver.

A teoria marxista da revolução proletária e da ditadura do proletariado é a generalização científica de experiência do movimento da classe operária. Portanto, feita exceção da Comuna de Paris que viveu somente 72 dias, Marx e Engels não viveram até ver seus próprios olhos a revolução proletária e a ditadura do proletariado, pela qual lutaram durante toda a sua existência. Em 1917, dirigido por Lênin e pelo Partido Comunista da União Soviética, o proletariado russo levou à vitória a revolução proletária e estabeleceu a ditadura do proletariado; em seguida com êxito, construiu a sociedade socialista. Desde então a teoria e os ideais do socialismo científico tornaram-se realidade viva. E assim a Revolução Russa de Outubro de 1917 abriu uma nova era, não só na história do movimento comunista, mas também na história do gênero humano.

Os imensos êxitos da União Soviética

Obteve a União Soviética sucessos gigantescos nos 39 anos que se seguiram a revolução. Tendo eliminado o sistema de exploração, a União Soviética acabou com a anarquia, com as crises e com o desemprego em sua vida econômica. A economia e a cultura soviética avançaram em ritmo que ultrapassou o dos países capitalistas. A produção global da indústria soviética em 1956 é 30 vezes maior que em 1913, o ano mais próspero de antes da revolução. Um país que antes da revolução era industrialmente atrasado e que tinha uma grande porcentagem de analfabetos tornou-se hoje a segunda potência industrial do mundo, contando com quadros científicos e técnicos mais avançados que os dos outros países e tendo atingido uma cultura socialista altamente desenvolvida. O povo trabalhador da UR.S.S. oprimido antes da Revolução, tornou-se o senhor de seu próprio país e da sociedade; empenhou-se com grande entusiasmo e iniciativa criadora na luta revolucionária e na construção, o que operou fundamental modificação em sua vida material e cultural. Enquanto antes da Revolução de Outubro a Rússia era uma prisão de nações, depois da Revolução de Outubro aquelas mesmas nações atingiram à igualdade na União Soviética, desenvolvendo-se rapidamente entre as nações socialistas avançadas.

O desenvolvimento da União Soviética não se ter: processado tranquilamente. De 1918 a 1920 o país foi atacado por quatorze potências capitalistas. Em seus primeiros anos, a União Soviética foi submetida a duras provas, como guerra civil, fome, dificuldades econômicas e lutas internas de caráter fracionista, no Partido. Num período decisivo da Segunda Guerra Mundial, antes que os países ocidentais abrissem a segunda frente, a União Soviética, sozinha, enfrentou e derrotou os ataques de milhões de homens das tropas de Hitler e comparsas. Estas duras provas não conseguiram esmagar a União Soviética nem interromperam o seu progresso.

A existência da União Soviética abalou em seus fundamentos a dominação imperialista e incute esperança sem limites, confiança e coragem em todos os movimentos revolucionários de trabalhadores, em todos os movimentos de libertação das nações oprimidas. O povo trabalhador de todos os países apoiou a União Soviética e a União Soviética também os apoiou. Ela tem sustentado uma política externa de salvaguarda da paz do mundo, reconhece a igualdade de todas as nações, opõe-se à agressão imperialista. A União Soviética foi a força principal que derrotou a agressão fascista no mundo. Os heróicos exércitos da União Soviética libertaram os países do Leste Europeu, parte da Europa Central, o Nordeste da China e o Nordeste da Coreia, em cooperação com as forças populares desses países. A União Soviética estabeleceu relações fraternais com as democracias populares, ajudou-as na construção econômica e juntamente com elas formou um poderoso baluarte da paz mundial — o campo do socialismo. Deu também a União Soviética poderoso apoio aos movimentos de independência das nações oprimidas, ao movimento dos povos do mundo pela paz e aos Estados pacíficos surgidos na Ásia e na África desde a segunda guerra mundial.

Estes são fatos incontestáveis, há muito, conhecidos pelos povos. Por que então se torna necessário trazê-los novamente à baila? Isto se torna necessário porque, enquanto os inimigos do comunismo evidentemente sempre se esforçam para negá-los, certos comunistas, atualmente, examinando a experiência soviética, muitas vezes voltam suas atenções para aspectos secundários, menosprezando os aspectos essenciais da questão.

No que se refere à sua significação internacional, há diferentes aspectos da experiência soviética, na revolução e na construção. Da vitoriosa experiência da União Soviética, uma parte é fundamental e de significação universal na presente etapa da história da humanidade. Esta é a mais importante e fundamental fase da experiência soviética. A outra parte não tem significação universal. Além disso, a União Soviética também apresenta seus erros e falhas. Nenhum país jamais conseguiu livrar-se inteiramente de erros e falhas, embora em cada um deles os erros e falhas variem em forma e grau. Para a União Soviética sempre foi mais difícil evitar tais erros e falhas, por se tratar do primeiro país socialista, que não contou com a experiência positiva de outros para se orientar. Tais erros e falhas, entretanto, constituem lições extremamente úteis para todos os comunistas. Eis porque toda experiência soviética, inclusive certos erros e falhas, merece estudo cuidadoso, enquanto a parte fundamental da vitoriosa experiência soviética é de particular importância. O próprio avanço da União Soviética prova que a experiência fundamental da União Soviética na revolução e na construção constitui um grande acontecimento, o primeiro hino triunfal de vitória do marxismo-leninismo na história da humanidade, hino que ressoou por todo universo.

A experiência fundamental da revolução e da construção na União Soviética

QUAL é a experiência fundamental da União Soviética na revolução e na construção? Em nossa opinião, deve ser considerado fundamental, no mínimo, o seguinte:

1) Os elementos avançados do proletariado organizam-se num Partido Comunista, que toma o marxismo-leninismo como seu guia de ação, que se estrutura no princípio do centralismo democrático, estabelecendo laços estreitos com as massas, esforçando-se para se tornar o coração das massas trabalhadoras e educando seus militantes e as massas populares no marxismo-leninismo.

2) O proletariado, sob a liderança do Partido Comunista, unindo todo o povo trabalhador, toma o poder político à burguesia por meio da luta revolucionária.

3) Depois da vitória da revolução o proletariado, sob a direção do Partido Comunista, unindo as amplas massas do povo à base da aliança operário-camponesa, estabelece a ditadura do proletariado sobre as classes dos latifundiários e da burguesia, esmaga a resistência dos contra-revolucionários, realiza a nacionalização da indústria e passo a passo coletiviza a agricultura, eliminando o sistema de exploração, a propriedade privada dos meios de produção e as classes.

4) O Estado, dirigido pelo proletariado e pelo Partido Comunista, conduz o povo pelo caminho do desenvolvimento planejado da economia e da cultura socialista, e nesta base, eleva gradualmente o nível de vida do povo, preparando ativamente e trabalhando pela transição para a sociedade comunista.

5) O Estado, dirigido pelo proletariado e pelo Partido Comunista, opõe-se resolutamente à agressão imperialista, reconhece a igualdade de todas as nações e defende a paz mundial; firmemente adota os princípios do internacionalismo proletário, esforça-se para obter o apoio do povo trabalhador de todos os países, ao mesmo tempo em que se esforça para ajudá-los e a todas as nações oprimidas.

O que geralmente chamamos o caminho da Revolução de Outubro significa precisamente estes pontos básicos, deixando-se de lado a forma específica que assume em época e

lugar determinados. Estes pontos básicos são todos verdadeiros universais do marxismo-leninismo, justas para o mundo inteiro.

No curso da revolução e da construção em diferentes países aparecem, ao lado de aspectos comuns a todos, aspectos diferentes. Neste sentido, cada país tem seu próprio caminho específico de desenvolvimento. Discutiremos esta questão mais adiante. Mas, no que se refere à teoria básica, o caminho da Revolução de Outubro reflete as leis gerais da revolução e da construção num estágio particular do desenvolvimento da sociedade humana. Não se trata apenas do caminho do proletariado da União Soviética, mas também do grande caminho geral que o proletariado de todos os países deve percorrer para conquistar a vitória. Precisamente por este motivo o Comitê Central do Partido Comunista Chinês assinala em seu informe ao VIII Congresso Nacional do Partido: «A despeito do fato de que a revolução em nosso país apresenta muitas características próprias, os comunistas chineses consideram sua obra como uma continuação da Grande Revolução de Outubro».

Na presente situação internacional é particularmente de grande significação defender esse caminho marxista-leninista aberto pela Revolução de Outubro. Quando os imperialistas proclamam sua intenção de provocar «uma mudança de caráter do mundo comunista» é precisamente este caminho revolucionário que eles desejam mudar. Durante decênios os pontos de vista lançados por todos os revisionistas para reverter o marxismo-leninismo e as idéias direitistas e oportunistas que difundiam tinham precisamente o objetivo de fazer o proletariado desviar-se deste caminho obrigatório para sua libertação. É tarefa de todos os comunistas unir o proletariado e as massas populares para derrotar e resolutamente rechaçar o selvagem ataque dos imperialistas contra o mundo socialista, e avançar resolutamente pelo caminho iluminado pela Revolução de Outubro.

2) Algumas pessoas perguntam: Se o caminho fundamental da União Soviética na revolução e na construção foi correto, como se deram os erros de Stálin?

Apreciação dos méritos e dos erros de Stálin Como explicar os erros de Stálin

Discutimos essa questão em nosso artigo publicado em abril deste ano («Sobre a Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado»). Entretanto, em consequência de recentes fatos ocorridos na Europa Oriental e de outros acontecimentos, a questão da correta compreensão dos erros de Stálin e da nossa justa conduta em face desses erros tornou-se matéria de importância, afetando o desenvolvimento interno dos partidos comunistas de muitos países, a unidade entre os partidos comunistas e a luta comum das forças comunistas mundiais contra o imperialismo. Torna-se portanto necessário estender mais amplamente nossas vistas sobre esta questão.

Stálin teve grandes méritos no progresso da União Soviética e no desenvolvimento do movimento internacional. No artigo «Sobre a Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado» escrevemos:

«Depois da morte de Lênin, Stálin, como dirigente do Partido e do Estado, aplicou e de forma criadora desenvolveu o marxismo-leninismo. Na luta para defender a herança do marxismo-leninismo contra seus inimigos — os trotskistas, zinovievistas e outros agentes da burguesia — Stálin expressou a vontade e a determinação do povo e provou ser ele próprio um lutador marxista-leninista proeminente. O motivo pelo qual Stálin contou com o apoio do povo soviético e desempenhou um papel importante na História está primeiramente no fato de que, ao lado de outros dirigentes do Partido Comunista da União Soviética, defendeu a linha de Lênin da industrialização do Estado soviético e da coletivização da agricultura. Por ter seguido essa linha o Partido Comunista da União Soviética levou ao triunfo o socialismo na URSS e criou as condições para a vitória da União Soviética na guerra contra Hitler; estas vitórias do povo soviético serviram aos interesses da classe operária em todo o mundo e de toda a humanidade progressista. Foi por isso, também, natural que o nome de Stálin alcançasse a maior glorificação em todo o mundo».

Mas Stálin cometeu alguns erros sérios quanto à política interna e externa da União Soviética. Seu método arbitrário de trabalho feriu em certa medida o princípio do centralismo democrático tanto na vida do Partido como no sistema estatal da União Soviética, violando, em certos pontos, a legalidade socialista. Devido à circunstância de que em muitos setores de trabalho Stálin se afastou das massas em séria medida, tomando pessoal e arbitrariamente decisões políticas importantes, tornou-se inevitável que ele viesse a cometer graves erros. Esses erros foram mais consideráveis no extermínio da contra-revolução e nas relações com certos países estrangeiros. Ao liquidar a contra-revolução Stálin, por um lado, puniu muitos contra-revolucionários que era necessário punir e nesse terreno, quanto ao essencial, cumpriu a tarefa; mas, por outro lado, cometeu injustiças contra muitos comunistas leais e cidadãos honestos, o que causou sérios prejuízos. No conjunto, em relação aos países e partidos irmãos, Stálin tomou posição internacionalista e ajudou as lutas de outros povos e o crescimento do campo do socialismo: mas, no tocante a certas questões concretas, mostrou uma tendência ao chovinismo de grande-nação, inspirou-se insuficientemente na igualdade de direitos e deixou de lado a educação da massa dos quadros no espírito de modestia. Algumas vezes interveio erradamente, com muitas e graves consequências, nos assuntos internos de partidos irmãos.

A correção dos erros de Stálin pelo PCUS

Como devem ser explicados esses sérios erros de Stálin? Qual a ligação entre esses erros e o sistema socialista da União Soviética?

A ciência da dialética marxista-leninista nos ensina que todos os tipos de relações de produção, assim como as superestruturas construídas sobre suas bases, têm seu próprio curso de surgimento, desenvolvimento e extinção. Quando as velhas relações de produção não mais correspondem fundamentalmente às forças produtivas, tendo estas últimas atingido a um certo grau de desenvolvimento, e quando a velha superestrutura não mais corresponde fundamentalmente às bases econômicas, tendo estas bases atingido a um certo grau de desenvolvimento então uma mudança essencial se opera inevitavelmente; quem quer que tente resistir a tal mudança é posto de lado pela história. Esta lei tem aplicação de formas diferentes em todos os tipos de sociedade. Isto quer dizer que ela também se aplica à sociedade socialista de hoje e à sociedade comunista de amanhã.

Foram os erros de Stálin devidos ao fato de que o sistema socialista econômico e político da União Soviética

teria caído em desuso, não mais acompanhando as necessidades de desenvolvimento da União Soviética? Certamente que não. A sociedade socialista soviética ainda é jovem; ainda não tem quarenta anos. O fato do rápido progresso econômico da União Soviética prova que seu sistema econômico, no essencial, corresponde ao desenvolvimento das forças produtivas; e que também seu sistema político, no essencial, igualmente corresponde às necessidades de sua base econômica. Os erros de Stálin não se originaram do sistema socialista; daí se conclui que não é necessário «corrigir» o sistema socialista para corrigir estes erros. A burguesia ocidental não tem em que se apoiar para usar os erros de Stálin no sentido de provar que o sistema socialista constitui «um erro». Há quem tente estabelecer ligação entre os erros de Stálin e a administração da economia pelo Estado socialista e há quem afirme que, quando o governo assume o encargo dos assuntos econômicos, isto leva à constituição de uma «máquina burocrática» de obstrução do desenvolvimento das forças socialistas. Ninguém pode negar o extraordinário florescimento da economia soviética e precisamente o resultado da direção planejada da atividade econômica pelo Estado do povo trabalhador, enquanto que os mais graves erros cometidos por Stálin têm muito pouco a ver com as falhas dos órgãos estatais de administração econômica.

Contudo, mesmo quando o sistema econômico básico corresponde às necessidades, ainda subsistem certas contradições entre as relações de produção e as forças produtivas, entre a superestrutura e a base econômica. Essas contradições encontram expressão em defeitos de certos dispositivos do sistema econômico e político. Não é portanto necessário efetivar modificações fundamentais para resolver essas contradições, reajustamentos devem ser feitos em tempo oportuno.

PODEREMOS garantir que não haverá erros uma vez que temos um sistema básico que corresponde às necessidades e que regulamos as contradições ordinárias no sistema (usando a linguagem dialética, contradições no estágio de «mudança quantitativa»)? O assunto não é simples. Os sistemas têm importância decisiva, mas os sistemas em si não são todo-poderosos. Nenhum sistema, embora excelente, pode evitar sérios erros em nosso trabalho. Mesmo quando dispomos de um sistema correto, a questão importante é saber se podemos usá-lo corretamente, se aplicamos uma política correta um método e um estilo justos. Sem tudo isto, mesmo sob um bom sistema, ainda é possível cometer erros sérios e empregar um bom aparelho estatal na realização de atos prejudiciais.

Para resolver os problemas acima mencionados devemos confiar na experiência acumulada e no controle da prática; não devemos esperar resultados do dia para a noite. Além disso, em face da constante mudança de condições, novos problemas se apresentam quando os problemas velhos encontram solução e não há soluções boas para todas as situações. Olhado o problema desse ângulo, não é de surpreender que mesmo em países socialistas estabelecidos em bases firmes ainda se apresentem defeitos em certos pontos de contato de suas relações de produção com a superestrutura, ou desvios de, uma ou de outra espécie na política, nos métodos e no estilo de trabalho do Partido ou do Estado.

Nos países socialistas a tarefa do Partido Comunista e do Estado é, apoiando-se na força das massas e da coletividade, fazer oportunos reajustamentos nos vários dispositivos do sistema econômico e político e descobrir e corrigir em tempo os erros no trabalho. Naturalmente, não é possível que os dirigentes do Partido Comunista e do Estado tenham uma visão completa da realidade. Isolados, são sempre inevitáveis os erros temporários e locais de seu trabalho. Mas sempre que os princípios da ciência materialista-dialética do marxismo-leninismo são estritamente observados e esforços são feitos para desenvolvê-los, sempre que o sistema do centralismo democrático do Partido e do Estado é cabalmente observado, sempre que estamos realmente ligados às massas, os erros persistentes e sérios afetando todo o Estado podem ser evitados.

vida de Stálin é a de um grande revolucionário-marxista-leninista

A razão por que alguns dos erros praticados por Stálin durante os últimos anos de sua vida se tornaram sérios, no âmbito de todo o Estado e persistentes, não tendo sido corrigidos em tempo, foi precisamente porque em certos campos e num certo grau ele se isolou das massas e da coletividade, violando o princípio do centralismo democrático do Partido e do Estado. A razão de uma tal infração parcial do centralismo democrático repousa em certas condições sociais e históricas: o Partido não tinha experiência na direção do Estado; o novo regime não estava suficientemente consolidado para resistir a cada manifestação da influência do velho regime; a consolidação de um novo regime e o desaparecimento das antigas influências não se operam em linha reta mas muitas vezes assumem a forma de um movimento ondulatório, nos pontos de virada da história; havia o efeito das agudas lutas internas e externas, restringindo sob certos aspectos o desenvolvimento da democracia, etc. Contudo, estas condições objetivas por si sós não seriam bastantes para transformar a possibilidade de cometer erros na prática desses erros. Lênin, trabalhando sob condições muito mais complicadas e difíceis que as encontradas por Stálin não cometeu os erros praticados por Stálin. Neste caso o fator decisivo é o pensamento do homem. Uma série de vitórias e os elogios que Stálin recebia na última fase de sua vida viraram-lhe a cabeça. Ele se desviou parcial mas seriamente do modo de pensar materialista-dialético, caindo no subjetivismo. Começou a ter uma fé cega na sabedoria e na autoridade pessoal; não investigava nem estudava seriamente as complexas condições que se apresentavam, nem ouvia atentamente a opinião de seus camaradas e a voz das massas. Como resultado, certas teses e medidas políticas por ele adotadas afastavam-se da realidade objetiva. Muitas vezes, obstinado, persistia na prática de medidas errôneas durante longos períodos, tornando-se incapaz de corrigir seus erros em tempo.

O Partido Comunista da URSS vem tomando medidas para corrigir os erros de Stálin e eliminar suas consequências. Neste sentido, tem obtido sucesso. O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética mostrou grande determinação e coragem na eliminação do culto a Stálin, ao expor a gravidade dos erros de Stálin e na eliminação de seus efeitos. Os marxistas-leninistas de todo o mundo, bem como todos os que simpatizam com a causa do comunismo, apoiam os esforços do Partido Comunista da União Soviética na correção dos erros, desejando que os esforços dos camaradas da União Soviética atinjam completo sucesso. É óbvio que os erros de Stálin, não tendo sido erros de curta duração, sua correção não pode ser completada da noite para o dia, exigindo um

esforço enérgico e demorado — um prolongado processo de educação ideológica. Acreditamos que o grande Partido Comunista da União Soviética, que tem superado dificuldades, sem conta, triunfará sobre estas dificuldades, atingindo seu objetivo.

Não se deve esperar, com efeito, que esse esforço do Partido Comunista da União Soviética para corrigir tais erros encontre qualquer apoio na burguesia e nos partidos social-democratas de direita do Ocidente. Extremamente desejosa de se aproveitar da oportunidade para encobrir o que houve de positivo na obra de Stálin, bem como nas imensas realizações da União Soviética e de todo o campo do socialismo até agora, querendo criar confusão e divisão nas fileiras comunistas, eles se obstinam deliberadamente rotularam a correção dos erros de Stálin de «desestalinização», apresentando-a como uma luta engajada por «elementos anti-stalinistas» contra «elementos stalinistas».

O sentido maligno desse intento é bastante visível. Infezmente maneiras semelhantes de observar estes fatos ganharam terreno entre alguns comunistas. Consideramos extremamente perigoso para os comunistas adotar tais pontos de vista.

Sabe-se muito bem que Stálin, embora tendo cometido alguns erros graves no fim de sua vida, foi no entanto um grande revolucionário marxista-leninista. Na juventude, Stálin lutou contra o sistema czarista e pela difusão do marxismo-leninismo. Depois de se ligar ao organismo central dirigente do Partido, tomou parte na luta para abrir caminho à revolução de 1917. Depois da Revolução de Outubro lutou para defender os seus frutos. Durante quase 30 anos depois da morte de Lênin, trabalhou para construir o socialismo, defendeu a pátria socialista e o avanço do movimento comunista mundial. Invariavelmente manteve-se Stálin à frente do desenvolvimento histórico, guiando a luta; ele foi um inimigo implacável do imperialismo. Sua tragédia está no fato de que, ao mesmo tempo em que praticava atos que eram erros, acreditava que eram medidas necessárias à defesa dos interesses do povo trabalhador contra os ataques do inimigo. Os erros de Stálin acarretaram para a União Soviética prejuízos que poderiam ter sido evitados. Não obstante a socialista União Soviética realizou formidáveis progressos durante o período de liderança de Stálin. Esse fato inegável não somente é testemunho do vigor do sistema socialista como também mostra do-se portanto as idéias e os atos de Stálin devemos considerar que Stálin foi apesar de tudo um comunista firme. Avaliamos tanto os seus aspectos positivos como os negativos, suas realizações como seus erros. Se aprofundamos o exame da matéria em todos os seus amplos aspectos, mesmo quando algumas pessoas resolvam falar em «stalinismo», só o podem fazer referindo-se, em primeiro lugar, ao comunismo e ao marxismo-leninismo, que constituem o principal aspecto do «stalinismo»; em segundo lugar a expressão refere-se a certos erros extremamente graves, que são contrários ao marxismo-leninismo e que devem ser corrigidos até às últimas consequências. Em todo caso, ao mesmo tempo que é necessário enfrentar vigorosamente esses erros para corrigi-los, também é necessário colocá-los no devido lugar, avaliá-los corretamente, evitando-se lançar a confusão entre as pessoas. Em nossa opinião os erros de Stálin tomam o segundo lugar quando os confrontamos com suas realizações.

Somente adotando uma atitude objetiva e analítica podemos corretamente criticar Stálin e todos os camaradas que praticaram erros semelhantes sob sua influência e avaliar com justeza esses erros. Quando os erros são praticados por comunistas no curso de seu trabalho, o que está em causa é a questão entre o certo e o errado nas fileiras partidárias, mas não um litígio entre nós e o inimigo na luta de classe. Devemos portanto adotar uma atitude de companheirismo em relação aos responsáveis pelos erros, não os tratando como inimigos. Devemos defender o que é correto em seu trabalho, enquanto criticamos seus erros, sem atacar em bloco todos os seus atos. Seus erros têm um fundo social e histórico e devem ser atribuídos especialmente à sua ideologia e compreensão. São erros que em condições idênticas podem ocorrer no trabalho de outros camaradas. Daí porque, reconhecidos os erros e iniciada sua correção, é necessário que os encaremos como sérias lições, como um instrumento da elevação da consciência política de todos os comunistas, capaz de evitar a repetição de tais erros e portanto capaz de ajudar o avanço da causa do comunismo. Se, em lugar disso, alguém assume uma atitude completamente negativa em relação aos camaradas que cometerem erros, tratando-os com hostilidade, fazendo discriminações contra eles, tirando sobre eles tal ou qual rótulo, então não os ajudamos a aprender a lição de que necessitam. Além do mais, se nesta atitude chegamos a confundir esses dois tipos inteiramente diversos de contradição — a do certo contra o errado dentro de nossas fileiras e a contradição entre nós mesmos e o inimigo — então ajudaremos o inimigo em seus ataques contra as fileiras comunistas, desintegrando a posição dos comunistas.

Em que consiste o erro do camarada Tito

A atitude tomada pelo camarada Tito e outros camaradas dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia em relação aos erros do camarada Stálin e a outras questões relacionadas com eles, segundo indicam suas recentes opiniões, não podem ser consideradas por nós como bem pesadas nem objetivas. É compreensível que os camaradas iugoslavos guardem particular ressentimento em relação aos erros de Stálin. No passado fizeram os meritos esforços meritórios para atingir o socialismo sob condições difíceis. Suas experiências na direção democrática, de empresas econômicas e de outras organizações socialistas também atraíram as atenções. O povo chinês felicita a reconciliação da Iugoslávia com a União Soviética e outros países socialistas, bem como o estabelecimento e desenvolvimento de relações fraternais entre a China e a Iugoslávia. Como o povo iugoslavo, o povo chinês deseja que a Iugoslávia prospere e se fortaleça cada vez mais em sua marcha para o socialismo. Também concordamos com alguns pontos do discurso do camarada Tito, tais como sua condenação da contra-revolução húngara, seu apoio ao governo operário-camponês, revolucionário da Hungria, sua condenação a agressão da Inglaterra, da França e de Israel ao Egito e sua condenação ao Partido Socialista Francês que adotou a política de agressão. Mas surpreendemo-nos quando em seu discurso ele dirige ataques a quase todos os países socialistas e a muitos partidos comunistas. O camarada Tito usou expressões a respeito «desses obstinados elementos stalinistas» que em vários partidos ainda se esforçam para se manter em seus postos e que ainda pretendem consolidar seu domínio e impor suas tendências stalinistas a seus povos e até a outros povos». Adiante afirma: «juntamente com os camaradas poloneses lutaremos contra essas tendências que se manifestam em vários outros partidos, no Oriente como no Ocidente.» Não conhecemos nenhuma declaração de camaradas dirigentes do

Partido Operário Unificado Polonês afirmando que se torna necessário adotar essa atitude hostil em relação a partidos irmãos. Julgamos necessários dizer, a respeito dessas opiniões do camarada Tito, que ele assume uma atitude errada quando alude ao chamado «stalinismo», a «elementos stalinistas», etc., com objetivo de ataque e sustentando que a questão hoje reside em saber se se deve seguir a «saída iugoslava» ou o chamado «caminho stalinista». Isto só pode conduzir a uma divisão no movimento comunista.

O camarada Tito adverte acertadamente que «em vista do desenvolvimento da situação na Hungria que apresentou a perspectiva — socialismo ou contra-revolução — devemos defender o atual governo Kadar e ajudá-lo». Mas dificilmente seria de ajuda e defesa ao governo húngaro o sentido do longo discurso pronunciado na Assembléa Nacional da República Federativa Popular da Iugoslávia pelo camarada Kardelj, vice-presidente do Conselho Federal Executivo da Iugoslávia. Em sua interpretação dos acontecimentos da Hungria dada em seu discurso o camarada Kardelj não somente deixa de fazer distinção entre os amigos e os inimigos como também apresenta aos camaradas húngaros como uma exigência «uma completa mudança reclamou no sistema político» da Hungria. Também seja transmitido todo o poder aos conselhos operários de Budapeste e outros conselhos operários de distrito «independentemente do que tenham vindo a ser esses conselhos operários» declarando que os camaradas húngaros «não devem esbanjar seus esforços procurando restaurar o Partido Comunista». «O motivo», diz ele, «é o fato de que para as massas o partido foi a personificação do despotismo burocrático». Esse é o modelo de «caminho anti-stalinista» indicado pelo camarada Kardelj a um país irmão. Os camaradas húngaros rejeitaram essa proposta do camarada Kardelj. Dissolveram o conselho operário de Budapeste e os outros conselhos operários de distrito que estavam sendo controlados pelos contra-revolucionários e ampliaram com perseverança as fileiras do Partido Socialista Operário. Consideramos que os camaradas húngaros agiram com inteira correção ao enveredarem por esse caminho, porque de outra maneira o futuro da Hungria pertenceria à contra-revolução e não ao socialismo.

A luta contra o dogmatismo e o revisionismo

Evidentemente os camaradas iugoslavos estão indo muito longe. Embora sua crítica a certos partidos irmãos seja parcialmente razoável, a posição fundamental e o método por eles adotado infringe os princípios de uma discussão entre camaradas. Não desejamos interferir nos assuntos internos da Iugoslávia, mas os assuntos mencionados acima de modo algum serão internos. Para reforçar a unidade do movimento comunista internacional não permitir aos inimigos semear a confusão e a divisão em nossas fileiras, não podíamos deixar de dar um conselho fraternal aos camaradas iugoslavos.

3) Uma das graves conseqüências dos erros de Stálin foi o crescimento do doutrinarismo. Criticando os erros de Stálin, os partidos comunistas de vários países desfecharam uma luta contra o doutrinarismo. Esta luta é inteiramente necessária. Mas, adotando atitude negativa em relação a tudo que se relaciona com Stálin e adotando a errônea palavra de ordem «luta contra o stalinismo», alguns comunistas ajudaram a alimentar a tendência revisionista contra o marxismo-leninismo. Essa corrente revisionista indubitavelmente ajuda o ataque imperialista ao movimento comunista e os imperialistas na verdade estão a usar ativamente esta corrente. Opondo-nos resolutamente ao doutrinarismo devemos ao mesmo tempo opor-nos resolutamente ao revisionismo.

A verdade universal do marxismo-leninismo e as particularidades nacionais

O marxismo-leninismo sustenta que há leis fundamentais gerais do desenvolvimento da sociedade humana, mas que os diversos países e as diversas nações apresentam particularidades que diferem sensivelmente. Todos os países passam pela luta de classes e devem chegar ao comunismo através de caminhos iguais em essência, mas diferentes em suas formas específicas. A causa do proletariado em um dado país só triunfa quando a verdade universal do marxismo-leninismo é apropriadamente aplicada, à luz de suas condições nacionais peculiares. E quando isto for observado, o proletariado acumulará novas experiências, as quais contribuirão para a causa de outras nações e para o tesouro geral do marxismo-leninismo. Os doutrinaristas não compreendem que a verdade universal do marxismo-leninismo se manifesta concretamente e se torna operativa na vida real somente por meios de características nacionais específicas. Eles não estudam cuidadosamente as peculiaridades sociais e históricas de seus próprios países e nações nem aplicam a verdade universal do marxismo-leninismo à luz dessas peculiaridades. Conseqüentemente não podem conduzir a causa do proletariado à vitória.

Sendo o marxismo-leninismo a síntese científica da experiência do movimento operário em diferentes países, segue-se que se deve dar a maior importância à questão de aplicar a experiência dos países avançados. Lênin escreveu em seu livro «O que fazer?»: «O movimento social-democrata é, por sua própria natureza, internacional. Isto não quer dizer apenas que devemos combater o chovinismo nacional. Significa também que o movimento incipiente num país jovem só se pode desenvolver com êxito, se fizer sua experiência de outros países». (1) O que Lênin afirmou aqui é que o movimento dos trabalhadores russos, que acabava de surgir, devia utilizar a experiência do movimento da classe operária da Europa Ocidental. Esta opinião se aplica, igualmente à utilização da experiência soviética pelos países socialistas, mais novos.

Mas deve haver um método justo de aprendizagem. Toda a experiência da União Soviética, inclusive sua experiência fundamental, é vinculada a características nacionais definidas e nenhum outro país deveria copiá-la. Além disso, como foi assinalado antes, parte da experiência soviética deriva de erros e falhas. Para os que sabem como melhor aprender com o conjunto da experiência dos outros, tanto os sucessos quanto os erros constituem um inapreciável ensinamento, porque podem ajudá-los a evitar desvios em seu avanço e reduzir seus prejuízos. Por outro lado as cópias indiscriminadas e mecânicas do que foi feito com sucesso na União Soviética — deixemos de lado os insucessos — podem conduzir a malogros noutros países. Lênin escreveu em linhas que se seguem ao trecho acima citado: «Para isso, não basta conhecer simplesmente essa experiência ou simplesmente copiar as últimas resoluções adotadas; para isso é necessário saber assumir uma atitude crítica em face dessa

experiência e comprová-la por si mesma. Todo aquele que se der conta de como cresceu e se ramificou um movimento operário contemporâneo compreenderá a reserva de força teórica e de experiência política (e revolucionária) que é necessária para cumprir essa tarefa». (2). Sem dúvida, nos países onde o proletariado foi ao poder o problema é muitas vezes mais complexo do que este aqui referido por Lênin.

Entre 1931 a 1934, na história do Partido Comunista Chinês houve doutrinaristas que se recusaram a reconhecer as características específicas da China, copiaram mecânicamente certas experiências da revolução russa e causaram sérios reveses às forças revolucionárias do nosso país. Estes reveses constituíram profunda lição para nosso Partido. No período entre Pleno Ampliado do Biró Político do C.C. de Tsuny de 1935 e o VII Congresso Nacional do Partido efetuado em 1945 nosso Partido liquidou completamente essa linha doutrinarista extremamente perigosa, uniu todos os seus membros, inclusive os que haviam cometido erros, desenvolveu as forças populares e isso conquistou a vitória para a revolução. Se isto não tivesse sido feito a vitória teria sido impossível. Foi somente porque rejeitamos a linha doutrinarista que se tornou possível ao nosso Partido cometer menos erros no aproveitamento da experiência da União Soviética e de outros países irmãos. Também por isso estamos em condições de compreender amplamente quanto é necessário e trabalhoso para nossos camaradas poloneses e húngaros corrigir hoje os erros doutrinaristas do passado.

A luta contra o dogmatismo não tem nada de comum com a tolerância em relação ao revisionismo

Os erros de doutrinarismo, quando e onde ocorram, devem ser corrigidos. Continuaremos em nossos esforços para corrigir e prevenir tais erros em nosso trabalho. Entretanto, a oposição ao doutrinarismo nada tem de comum com a tolerância em face do revisionismo. O marxismo-leninismo reconhece que o movimento comunista nos vários países necessariamente têm suas características nacionais. Mas isto não quer dizer que eles não tenham em comum certas características básicas ou que se possam afastar da verdade universal marxista-leninista. Na presente fase do anti-doutrinarismo há pessoas em nosso país e no estrangeiro que, sob pretexto de se oporem à cópia mecânica da experiência soviética, procuram negar a significação internacional do que há de fundamental na experiência da União Soviética e sob o pretexto de desenvolvimento criador do marxismo-leninismo procuram negar a significação da verdade universal do marxismo-leninismo.

Porque Stálin e antigos dirigentes em alguns países socialistas cometeram sérios erros, violando a democracia socialista, alguns elementos hesitantes nas fileiras comunistas sob o pretexto de desenvolver a democracia socialista, procuram enfraquecer ou negar à ditadura do proletariado, o centralismo democrático do Estado socialista e a função dirigente do Partido.

Nenhum enfraquecimento ou negação da ditadura do proletariado

Está fora de dúvida que numa ditadura proletária a ditadura sobre as forças contra-revolucionárias deve combinar-se estreitamente com os amplos interesses do povo, isto é, o socialismo, a democracia. A razão por que a ditadura do proletariado é poderosa, por que é capaz de derrotar interna e externamente fortes inimigos e de empreender a grande tarefa histórica da construção do socialismo, está no fato de que ela é uma ditadura dos trabalhadores contra os exploradores — uma ditadura da maioria contra a minoria — que dá às amplas massas do povo trabalhador uma democracia inatingível em nenhum regime de democracia burguesa. O malogro na tarefa de estabelecer estreitos laços com as massas trabalhadoras e de conquistar seu apoio entusiástico, torna impossível o estabelecimento da ditadura do proletariado ou pelo menos a sua consolidação. Quanto mais aguda se torna a luta de classes, mais necessário é para o proletariado se unir, resoluta e completamente, às amplas massas populares, empregando ao máximo seu entusiasmo revolucionário para derrotar as forças contra-revolucionárias. A experiência das múltiplas e encarniçadas lutas de massas na União Soviética durante a Revolução de Outubro e a guerra civil demonstrou completamente essa verdade. Dessa experiência soviética em tal período é que derivou a «linha de massas», de nosso Partido, tão falada. Naquela época as agudas lutas na União Soviética dependiam principalmente da ação direta das massas populares e naturalmente havia pequenas possibilidades para o desenvolvimento de processos democráticos perfeitos. Mesmo depois da eliminação das classes exploradoras e da expulsão das forças contra-revolucionárias ainda é necessário para a ditadura do proletariado atentar para os remanescentes contra-revolucionários no interior do país — os quais não podem ser completamente eliminados enquanto houver imperialismo — ainda é preciso que o gume da espada se volte contra as forças agressivas do imperialismo estrangeiro. Nestas circunstâncias, na vida política do país as normas democráticas devem ser desenvolvidas e aperfeiçoadas gradualmente; a legalidade socialista aperfeiçoada o controle do povo sobre os órgãos do Estado reforçado; os métodos democráticos de administração estatal e de direção das empresas desenvolvidos; os laços entre os órgãos do Estado e os corpos administrativos das diversas empresas, de um lado, e as amplas massas, de outro lado, mais estreitos; tudo isto acompanhado de um combate firme às tendências burocráticas. Depois da eliminação das classes, a luta de classes não deve continuar a ser impulsionada e intensificada, como foi feito por Stálin, embaraçando o sadio desenvolvimento da democracia socialista. O Partido Comunista da União Soviética está completamente certo ao corrigir com firmeza os erros de Stálin a este respeito.

As lições da Hungria

A democracia socialista não deve ser de modo algum apresentada como contrária a ditadura do proletariado; nem deve ser confundida com a democracia burguesa. O único objetivo da democracia socialista, nos campos políticos, econômicos ou culturais, é fortalecer a causa do socialismo, do proletariado e de todos os trabalhadores, e empregar suas energias na construção do socialismo, e concentrar suas energias, por completo, na luta contra todas as forças antisocialistas. Qualquer espécie de democracia que possa ser usada com objetivos antisocialistas, para enfraquecer a causa do socialismo, certamente não será uma democracia socialista.

Algumas pessoas, entretanto não vêem as coisas assim. Sua reação em face dos acontecimentos da Hungria demonstrou isso muito claramente. No passado os direitos democráticos e o entusiasmo revolucionário do povo trabalhador da Hungria foram prejudicados, ao mesmo tempo que não se vibrou o golpe devido nos contra-revolucionários, os quais puderam aproveitar-se em outubro de 1956, do descontentamento das massas, para organizar uma revolta armada. Isto mostrou que, no passado, a ditadura do proletariado não foi realmente estabelecida na Hungria. Quando a Hungria enfrentou sua crise, quando o país ficou entre a revolução e a contra-revolução, entre o socialismo e o fascismo, entre a paz e a guerra, como intelectuais comunistas de certos países colocaram a questão? Não somente deixaram de analisar a questão da ditadura do proletariado, como chegaram a se colocar contra a acertada ação soviética na ajuda às forças socialistas na Hungria. Chegaram a ponto de declarar que a contra-revolução na Hungria era uma «revolução» e de pedir que o governo Revolucionário Operário-Camponês estendesse a «democracia» aos contra-revolucionários. Em certos países socialistas alguns jornais continuam até o presente a caluniar furiosamente as medidas revolucionárias tomadas pelos comunistas húngaros, que lutam com heroísmo, sob condições duras enquanto dificilmente uma palavra era dita por eles sobre a onda do assalto anticomunista, antipopular, dirigido contra a paz, pela reação mundial. O que significam tais fatos estranhos? Mostram que esses «socialistas» se afastam da ditadura do proletariado para tagarelar sobre «democracia», colocando-se ao lado da burguesia em oposição ao proletariado; que eles, efetivamente, defendem o capitalismo, opoem-se ao socialismo, embora muitos entre eles não tenham consciência disso. Lênin reiteradamente afirmou que a teoria da ditadura do proletariado é a parte mais essencial do marxismo; que a aceitação ou rejeição da ditadura do proletariado é o «que constitui a mais profunda diferença entre o marxista e o comum pequeno (como o grande) burguês». Lênin aconselhou o regime proletário húngaro de 1919 a usar «implacável rigor, rapidez e força resoluta», na liquidação dos contra-revolucionários. «Quem quer que não compreenda isso» afirmou Lênin, «não é um revolucionário e deve ser afastado do posto de dirigente e conselheiro do proletariado». Portanto, se uma pessoa rejeita os princípios fundamentais do marxismo-leninismo a respeito da ditadura do proletariado, apresentando maliciosamente estes princípios como «stalinismo» e «doutrinarismo», simplesmente por ter percebido os erros cometidos por Stálin no último período de sua vida e os erros praticados pelos antigos dirigentes húngaros, essa pessoa está seguindo o caminho que leva à traição do marxismo-leninismo e ao afastamento da causa da revolução proletária.

O centralismo democrático e o papel dirigente do Partido do proletariado

Os que rejeitam a ditadura do proletariado também negam a necessidade do centralismo na democracia socialista e o papel dirigente do partido do proletariado no Estado socialista. Para os marxistas-leninistas, aliás, tais idéias não são nada novas. Há muito tempo Engels afirmava, quando lutava contra os anarquistas, que em toda organização social, deve haver um certo grau de autoridade e subordinação. A relação entre autoridade e autonomia é relativa e a esfera de sua aplicação muda em diferentes fases do desenvolvimento da sociedade. Engels disse que «é absurdo falar do princípio de autoridade como sendo absolutamente mau e do princípio de autonomia como absolutamente bom», e que quem quer que insista nesse absurdo está de fato «a serviço da reação». Na luta contra os mencheviques Lênin apresentou de maneira mais clara a decisiva significação da direção organizada do Partido para a causa do proletariado. Criticando os comunistas alemães de «esquerda» em 1920, Lênin afirmou que negar o papel dirigente do Partido, negar a parte desempenhada pelos dirigentes e rejeitar a disciplina é, precisamente, «desarmar por completo o proletariado, no interesse da burguesia. E' precisamente essa confusão, instabilidade e incapacidade pequeno-burguesas para um esforço continuado para a unidade e a ação organizada, que se não for combatida, inevitavelmente destruirá todo movimento revolucionário do proletariado».

Tornaram-se estes princípios obsoletos? São eles inaplicáveis às condições específicas de certos países? Sua aplicação conduzir a repetição dos erros de Stálin? A resposta, evidentemente, é «não».

ESTES PRINCÍPIOS do marxismo-leninismo passaram pela prova da História no processo de desenvolvimento do movimento comunista internacional e dos países socialistas e até o presente momento não foi encontrado um único caso de exceção a esses princípios. Os erros de Stálin não residem na prática do centralismo democrático na direção dos negócios do Estado, nem na prática da função dirigente do partido; residem precisamente no fato de que, em certos terrenos e em certa medida, Stálin infringiu o centralismo democrático e a direção do partido. A aplicação correta do centralismo democrático nos negócios do Estado e o justo fortalecimento de direção do partido na causa socialista são as garantias básicas para que os países do campo socialista possam unir seus povos, derrotar seus inimigos, superar as dificuldades e crescer vigorosamente. E' precisamente por essa razão que o imperialismo e os contra-revolucionários, dirigindo os ataques à nossa causa, reclamam sempre «liberalismo» de nossa parte, sempre concentraram suas forças para abalar os órgãos dirigentes de nossa causa, para destruir o Partido Comunista, núcleo do proletariado. Manifestaram grande satisfação por motivo da atual «instabilidade» em certos países socialistas, resultante do enfraquecimento da disciplina no seio do partido e dos órgãos do Estado, utilizando-se disto para intensificar os seus atos de sabotagem. Tais fatos demonstram como é grande a significação da preservação da autoridade do centralismo democrático e do papel dirigente do partido para os interesses fundamentais das massas populares. Não há dúvida que o centralismo, dentro do sistema do centralismo democrático, deve ser mantido e aplicado sobre a mais ampla base democrática, e que a direção do partido deve manter ligações estreitas com as massas. Qualquer desvio na aplicação desses princípios deve ser firmemente criticado e corrigido. As críticas, porém, devem ser feitas exclusivamente com o objetivo de consolidar o centralismo democrático e fortalecer a direção do partido. Não podem em nenhuma circunstância trazer a desorganização e a confusão nas fileiras do proletariado, como desejam os nossos inimigos.

Entre os que estão tentando proceder a uma revisão do marxismo-leninismo, sob o pretexto de combater o doutrinismo, existem os que negam pura e simplesmente a existência de uma linha de demarcação entre a ditadura do proletariado e a ditadura da burguesia, entre os sistemas socialista e capitalista, e entre os campos socialista e imperialista. De acordo com essas pessoas é possível em certos países burgueses construir o socialismo sem passar pela revolução proletária dirigida pelo Partido da classe operária e sem a necessidade de organizar o Estado sob a direção do mesmo, como se o capitalismo de Estado nesses países fosse o próprio socialismo e, até mesmo como se a sociedade humana, como um todo, já estivesse «crescendo dentro» do socialismo. Mas, enquanto essas pessoas estão dando curso a tais idéias, os imperialistas estão mobilizando todas as suas forças militares, econômicas, diplomáticas, de espionagem e «morais», preparando-se ativamente para «solapar» e «desfruir» os países socialistas, existentes há muitos anos. Os contra-revolucionários burgueses desses países, escondidos em seus países ou vivendo no exílio, continuam a fazer todos os esforços possíveis para obter um retrocesso. Enquanto que as correntes revisionistas servem aos interesses dos imperialistas, os atos dos imperialistas não beneficiam o revisionismo, mas demonstram a sua bancarrota.

A solidariedade internacional do proletariado de todos os países

É uma das tarefas mais urgentes do proletariado de todos os países na sua luta contra os ataques do imperialismo, é reforçar a sua solidariedade internacional. Os imperialistas e reacionários de vários países tentam de mil e uma formas utilizar-se dos sentimentos de estreito nacionalismo, de certo isolamento nacional entre os povos para enfraquecer esta solidariedade, e, assim, aniquilar o movimento comunista. Os proletários revolucionários firmes defendem com decisão esta solidariedade, que eles consideram do interesse comum da classe operária de todos os países. Os elementos vacilantes não tomaram posição clara e firme nesta questão.

O movimento comunista foi um movimento internacional, desde os seus primeiros passos, porque os trabalhadores de países diferentes, só unidos podem libertar-se da opressão da burguesia e atingir seus objetivos comuns somente através de uma luta comum. Tal solidariedade internacional do movimento comunista auxiliou grandemente o proletariado de inúmeros países no desenvolvimento de sua causa revolucionária.

A União Soviética é o centro do movimento comunista internacional

O triunfo da Revolução Russa de Outubro deu enorme ímpeto a novos avanços do movimento revolucionário internacional do proletariado. Nestes 39 anos, desde a Revolução de Outubro, têm sido grandiosas as realizações do movimento comunista internacional, que se tornou uma poderosa força política de envergadura mundial. O proletariado mundial, e todos que lutam pela emancipação, colocam as suas esperanças de um futuro luminoso para toda a humanidade na vitória deste movimento.

No decorrer destes 39 anos a União Soviética tem sido o centro do movimento comunista internacional, em virtude de constituir o primeiro Estado socialista vitorioso, o país mais poderoso e experimentado do campo socialista desde o seu surgimento, capaz de prestar a mais valiosa ajuda aos demais países socialistas e aos povos dos diversos países do mundo capitalista. Isto não é o resultado de uma decisão arbitrária de quem quer que seja, mas a consequência natural de condições históricas. No interesse da causa comum do proletariado dos diversos países de uma resistência unida aos ataques do campo do imperialismo dirigido pelos Estados Unidos, contra a causa socialista, do ressurgimento econômico e cultural de todos os países socialistas, devemos continuar fortalecendo cada vez mais a solidariedade proletária internacional para com a União Soviética, como o seu centro.

A solidariedade internacional dos Partidos Comunistas é um tipo inteiramente novo de relações na história humana. É natural que o seu desenvolvimento não esteja isento de dificuldades. Os Partidos Comunistas devem buscar a unidade entre si ao mesmo tempo que mantêm a sua respectiva independência. A experiência histórica demonstra que os erros se verificam quando não existe uma conveniente integração destes dois aspectos, ou se um ou outro é negligenciado. Mantendo os Partidos Comunistas relações de igualdade recíproca, buscando um entendimento comum e combinando sua ação, através de uma verdadeira — e não formal — troca de pontos de vista, a sua unidade será fortalecida. Mas, se ao contrário, em suas relações mútuas um partido impõe a outro seus pontos de vista, ou se os partidos usam métodos de interferência nos assuntos internos de outro, em lugar de sugestões e críticas fraternais, sua unidade será abalada.

Nos países socialistas os Partidos Comunistas assumiram a responsabilidade de dirigir os negócios do Estado e as relações entre eles envolvem muitas vezes, diretamente, relações entre seus respectivos países e povos. Assim, a justa colocação de tais relações tornou-se um problema que exige um cuidado cada vez maior.

Internacionalismo proletário e patriotismo são inseparáveis

O marxismo-leninismo insistiu sempre na combinação do internacionalismo proletário com o patriotismo do povo dos vários países. Cada Partido Comunista deve educar seus membros e o povo no espírito do internacionalismo; isto porque os verdadeiros interesses nacionais de todos os povos reclamam a cooperação amistosa entre as nações. Por outro lado, cada Partido Comunista deve representar os legítimos interesses nacionais e os sentimentos de seu próprio povo. Os comunistas foram sempre verdadeiros patriotas. Eles compreendem que somente quando representam corretamente os interesses e aspirações de sua nação é que podem desfrutar da confiança e do amor das amplas massas de seu povo, e efetivamente educá-las no internacionalismo, harmonizando os interesses e aspirações nacionais dos povos dos diferentes países.

Para fortalecer a solidariedade internacional dos países socialistas, cada Partido Comunista deve respeitar os interesses e aspirações nacionais dos demais países. Isto é de especial importância para o Partido Comunista de um país maior em suas relações com o Partido Comunista de um país menor. Para evitar qualquer ressentimento por parte do país menor, o Partido de um país maior deve cuidar constantemente de manter uma atitude de igualdade. Como Lenin muito acertadamente dizia, «é dever do proletariado comunista consciente de todos os países tratar com a máxima cautela e especial atenção as sobrevivências dos sentimentos nacionais entre os países e nacionalidades que foram oprimidos durante longos períodos».

Como já dissemos, Stálin demonstrou certas tendências chovinistas de grande nação nas relações com partidos e países irmãos. A essência de tais tendências reside no esquecimento da situação de independência e igualdade dos Partidos Comunistas e dos países socialistas na união internacional. Há razões históricas definidas, para tais tendências. Os hábitos arraigados nas relações entre os grandes países e os menores continuam a fazer sentir a sua influência em certos aspectos, ao mesmo tempo que uma série de vitórias conquistadas por um partido ou por um país em seu movimento revolucionário é capaz de fazer surgir um certo sentimento de superioridade.

Por todas estas razões são necessários esforços sistemáticos para superar as tendências chovinistas de grande nação. O chovinismo de grande nação não é peculiar a este ou aquele país. Por exemplo: o país B pode ser pequeno e atrasado em relação ao país A, e entretanto, grande e adiantado em comparação ao país C. Este país B, entretanto, ao mesmo tempo que se queixa de estar sofrendo as consequências do chovinismo de grande nação por parte do país A, poderá estar muitas vezes assumindo ares de grande nação em suas relações com o país C. O que nós, chineses, devemos ter especialmente em vista, é que a China também foi um grande império sob as dinastias Han, Tang, Ming e Ching. Todavia, é verdade que nestes cem anos decorridos desde a metade do Século XIX, a China foi vítima da agressão e se transformou em semicolônia, sendo ainda nos dias de hoje, econômica e culturalmente atrasada, embora sob condições diversas, as tendências chovinistas de grande nação poderão transformar-se em sério perigo se não tomarmos todas as precauções para evitá-las. Devemos, nesta oportunidade, acentuar que já começaram a aparecer entre alguns funcionários nossos sintomas desse perigo. Este, o motivo pelo qual foi colocado com tanta ênfase o combate às tendências chovinistas de grande nação, tanto na Resolução do VIII Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês como na declaração do governo da República Popular China, publicada em primeiro de novembro de 1956.

Mas não é somente o chovinismo de grande nação que fere a unidade proletária internacional. No curso da história grandes nações demonstraram desrespeito aos pequenos países e frequentemente os oprimiram; e pequenos países perderam a confiança nos grandes, e até mesmo se tornaram hostis a eles. Ambas tendências existem ainda, em maior ou menor extensão, entre povos, e mesmo entre camadas da classe operária de diversos países. Eis porque, com o objetivo de fortalecer a solidariedade internacional do proletariado, além da tarefa fundamental de liquidar as tendências chovinistas de grande nação nos países maiores, é também necessário superar as tendências nacionalistas nos pequenos países. Não importa que o seu país seja pequeno ou grande: se os comunistas contrapõem os interesses de sua pátria e nação aos interesses gerais do movimento proletário internacional, fazem disto um pretexto para opor-se aos interesses gerais, e não mantêm seriamente, em sua prática atual, a solidariedade proletária internacional, mas ao contrário a prejudicam, estarão cometendo o grave erro de violação dos princípios do internacionalismo e do marxismo-leninismo.

Os erros de Stálin provocaram grave descontentamento entre os povos de certos países da Europa Oriental. Entretanto, também não se justifica a atitude de algumas pessoas nesses países em relação a União Soviética. Os nacionalistas burgueses esforçam-se por exagerar os defeitos da União Soviética e diminuem a contribuição da União Soviética. Eles procuram impedir que as massas compreendam como os imperialistas tratariam seu país e seu povo se não existisse a União Soviética. Nós, comunistas chineses muito nos alegamos em ver que os Partidos Comunistas da Polónia e da Hungria já estão pondo firmemente em cheque as atividades dos sabotadores que fabricam rumores anti-soviéticos e estimulam antagonismos nacionais nas relações com os países irmãos, e também porque esses partidos se lançaram à tarefa de eliminar os preconceitos nacionalistas existentes em algumas camadas das massas e até mesmo entre membros do partido. Este é, claramente, um dos passos mais urgentes e necessários, para a consolidação das relações fraternais entre os países socialistas.

O fortalecimento da solidariedade internacional do proletariado

Como acentuamos anteriormente, a política exterior da União Soviética, no fundamental, corresponde aos interesses do proletariado internacional, das nações oprimidas e dos povos do mundo. Nos últimos 39 anos o povo soviético realizou esforços tremendos e suportou sacrifícios heróicos, ajudando a causa dos povos de todos os países. Erros cometidos por Stálin não podem, por certo, anular estas históricas realizações do grande povo soviético.

Os esforços do Governo Soviético para melhorar as relações com a Iugoslávia, sua declaração de 30 de outubro de 1956 e suas conversações com a Polónia, em novembro de 1956, são manifestações da determinação do Partido Comunista da União Soviética e do governo soviético de eliminar os erros do passado em suas relações exteriores. Estes passos dados pela União Soviética são uma importante contribuição para o fortalecimento da solidariedade internacional do proletariado.

É óbvio que, no momento presente, quando os imperialistas lançam furiosos ataques contra as fileiras comunistas de todos os países, é necessário para o proletariado de todas as nações esforçar-se por fortalecer a sua solidariedade. Como enfrentamos inimigos poderosos, nenhuma palavra ou ato, não importa com que roupagem se apresente, que prejudique a solidariedade internacional nas fileiras comunistas, pode esperar receber qualquer simpatia dos comunistas e do povo trabalhador de todos os países.

O fortalecimento da solidariedade internacional do proletariado, para com a União Soviética, que é o seu centro, não

é somente do interesse do proletariado mundial, mas também do interesse do movimento de independência de todas as nações oprimidas e da paz mundial. Através de sua própria experiência as amplas massas dos povos da Ásia, África e América Latina compreendem facilmente quem são os seus inimigos e quais os seus amigos. É por isso que as campanhas anticomunistas, contra o movimento de emancipação dos povos oprimidos e contra a paz, instigadas pelos imperialistas, encontraram tão débil eco — e de apenas um punhado entre mais de um bilhão de pessoas que habitam estes continentes. Os fatos provam que o proletariado revolucionário da União Soviética, China, de outros países socialistas e dos países do campo imperialista, dá o seu firme apoio à luta do Egito contra a agressão, e ao movimento de emancipação dos países da Ásia, África e América Latina.

Nenhuma força é capaz de impedir a vitória do comunismo

Os países socialistas, o proletariado dos países imperialistas e os países em luta por sua independência nacional — estas três forças possuem vínculos de interesses comuns em sua luta contra o imperialismo, e a sua ajuda e assistência mútuas são da maior significação para o futuro da humanidade e da paz mundial. Recentemente as forças agressivas do imperialismo criaram novamente um certo grau de tensão na situação internacional. Mas, com a luta unida das três forças que mencionamos, e mais, os esforços conjugados de todas as demais forças mundiais amantes da paz, poderá ser obtido um novo alívio da tensão internacional. As forças imperialistas de agressão nada ganharam com sua invasão do Egito; pelo contrário, receberam um duro golpe. Além disso, graças à ajuda dada ao povo húngaro pelas tropas soviéticas, foram frustrados os planos imperialistas de criar um outro foco de guerra na Europa Oriental e romper a solidariedade do campo socialista. Os países socialistas persistem em seus esforços pela coexistência pacífica com os países capitalistas, pelo desenvolvimento de relações diplomáticas, econômicas e culturais com eles, pela solução dos litígios internacionais por meio de negociações pacíficas, opondo-se à preparação de uma nova guerra mundial, por estender a área de paz no mundo e pela ampliação da esfera de aplicação dos cinco princípios da coexistência pacífica. Esses esforços todos hão de conquistar, por certo, cada vez maiores simpatias das nações oprimidas e dos povos amantes da paz em todo o mundo.

O fortalecimento da solidariedade internacional do proletariado fará com que os incendiários imperialistas de guerra pensem duas vezes antes de embarcar em novas aventuras. A despeito do fato dos imperialistas ainda resistirem aos esforços acima descritos, as forças da paz terminarão por triunfar sobre as forças da guerra.

O movimento comunista internacional possui uma história de apenas 92 anos, contada a partir da criação da I Internacional, em 1864. Apesar dos muitos altos e baixos, o progresso do movimento em conjunto foi muito rápido. Durante a 1ª. Guerra Mundial surgiu a União Soviética, cobrindo uma sexta parte da terra. Depois da 2ª. Guerra Mundial, surgiu o campo socialista, no qual vive, nos dias de hoje, uma terça parte da população do mundo. Quando os Estados Socialistas cometem erros, de um tipo ou de outro, os nossos inimigos se mostram entusiasmados, enquanto alguns dos nossos camaradas e amigos se deixam dominar pelo abatimento, uma parte deles vacila em sua confiança no futuro da causa do comunismo. Contudo, não há motivos suficientes para que os nossos inimigos se rejubilem ou para que os nossos camaradas e amigos se sintam deprimidos ou vacilem. O proletariado, pela primeira vez na História, começou a dirigir o Estado. Em alguns países, isto ocorreu apenas há uns poucos anos, e, nos quais antigos, somente há algumas décadas. Assim, é impossível esperar que não existam erros. Ocorreram e ainda estão ocorrendo erros parciais e temporários que ainda poderão ocorrer no futuro. Mas, nenhuma pessoa perspicaz poderá sentir-se deprimida e pessimista por causa disto. A derrota é a mãe do êxito. Os recentes insucessos temporários e parciais, enriqueceram a experiência política do proletariado internacional e prepararam as condições dos grandes êxitos no futuro. Comparados com a história das revoluções burguesas na Grã-Bretanha e na França, os insucessos em nossa causa são insignificantes. A revolução burguesa na Inglaterra teve o seu início em 1640. A vitória sobre o rei foi seguida pela ditadura de Cromwell. Veio depois, em 1660, a restauração da velha casa real. Foi somente em 1688, quando o partido da burguesia, através de um golpe de Estado vitorioso, levou ao trono um rei trazido por tropas e forças navais holandesas, que a ditadura da burguesia inglesa pode ser consolidada. Durante os 86 anos desde o surgimento da Revolução Francesa de 1789 até 1875, quando a Terceira República foi estabelecida, a revolução burguesa na França, atravessou um período particularmente tempestuoso, equilibrando-se na crista de uma rápida sucessão de ondas de progresso e reação, republicanismo e monarquismo, terror revolucionário e terror contra-revolucionário, guerra civil e guerra estrangeira, conquista de territórios além fronteiras e capitulação diante de potências estrangeiras. A despeito de que a revolução socialista enfrenta a oposição combinada dos reacionários de todo o mundo, o seu desenvolvimento, visto em seu conjunto, é sereno e excepcionalmente estável. Isto é um reflexo concreto da vitalidade sem paralelo do sistema socialista. Apesar dos contratempos recentemente sofridos pelo movimento comunista internacional. Aprendemos com eles inúmeras lições valiosas. Corrigimos e estamos corrigindo os erros que precisavam ser corrigidos em nossas fileiras. Quando estes erros tiverem sido eliminados, seremos mais fortes e mais firmemente unidos do que nunca estivemos antes. Contrariamente à expectativa dos nossos inimigos a causa do proletariado não será derrotada mas terá um progresso cada vez maior.

Entretanto, é totalmente diverso o destino do imperialismo. Do lado de lá, no mundo imperialista, existem atritos fundamentais entre o imperialismo e as nações oprimidas, e mesmo entre os países imperialistas e, dentro deles, entre o governo e o povo. Esses choques, crescerão e se tornarão cada vez mais agudos, pois não existe cura para eles.

Por certo o recém-criado sistema da ditadura do proletariado ainda enfrenta muitas dificuldades e apresenta várias debilidades. Todavia, em confronto com o período em que a União Soviética lutou, sózinha, a situação se apresenta sensivelmente melhor. E, aliás, quais os fenômenos novos que não deve esperar dificuldades e debilidades? O resultado final é o futuro. Embora seja tortuoso o caminho que se estende diante de nós a humanidade atingirá seu brilhante objetivo — o comunismo. Não há força capaz de impedi-lo.

BOLETIM DE DEBATE

O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética trouxe à discussão importantes questões que interessam aos comunistas de todo o mundo. Ao abrir a discussão em torno das questões suscitadas pelo XX Congresso do PCUS, o culto à personalidade e suas consequências, a análise crítica e autocrítica da política, da tática e dos métodos de trabalho no Partido e do Partido com as massas, o CC do PCB expressa, no seu Projeto de Resolução, o desejo sincero de corrigir as falhas e erros e assim reforçar a unidade do Partido no terreno ideológico, político e orgânico. É objetivo dos comunistas e seu primeiro dever defender a unidade do Partido, partir da unidade já alcançada e, através da luta de opiniões franca e aberta superar as falhas e debilidades, atingir uma unidade em nível mais elevado. A luta interna no Partido sendo uma luta de opiniões entre camaradas, deve ser, pois, uma luta de princípios, para afixar pontos de vistas corretos e corrigir pontos de vista equivocados. A crítica e autocrítica no terreno ideológico e político é que nos fará avançar no sentido de transformar nosso Partido num Partido Comunista de massas, baseado nos princípios do marxismo-leninismo, capaz de dirigir os milhões de brasileiros na luta pela paz, pela democracia e por um futuro radioso e feliz para nosso povo.

O Projeto de Resolução do CC e a resolução do CC sobre a carta do cd. Prestes são uma base para a discussão no nosso Partido e para a correção dos erros por nós cometidos. Entrando nos debates procurando dar minha opinião sobre algumas questões do Partido, não significa, de modo algum, que as coloque acima dos problemas de caráter político.

Com justiça, o Projeto de Resolução do CC assinala violações de questões de princípio na atividade do Partido: violação da direção coletiva, da democracia interna, um excessivo centralismo, o mandonismo, a arrogância e a autosuficiência dos dirigentes, críticas intempestivas, falsa e injusta política de quadros, as funções do CC eram absorvidas por seu Presidium e pelo secretariado, etc. Esses erros e falhas não foram esporádicos ou cometidos por alguns dirigentes. Foram erros e falhas generalizados, cometidos por todos nós. Constituíram-se num sistema de trabalho que trouxe não poucos prejuízos ao Partido. Todos nós, militantes e dirigentes comunistas, temos responsabilidade por esses erros e falhas, aplicamos tais métodos e, ao autocríticarmos-nos, devemos buscar os justos métodos de trabalho e impedir que tais erros se repitam em tal grau em nosso Partido.

Tal sistema, na minha opinião, não será liquidada da noite para o dia, tem raízes profundas no próprio processo de formação de nosso Partido e em sua composição social. Surgido em 1922, em seus quase 35 anos de vida, nosso Partido não teve mais que 2 anos de vida legal. Perseguido pela reação, defendendo-se por todas as formas de seus inimigos externos e internos, acentuou-se demasiadamente o centralismo em detrimento da democracia interna que quase chegou a desaparecer. Vivendo na ilegalidade é natural que, dentro do sistema do centralismo democrático, tenham que ser feitas certas restrições à mais ampla democracia interna. Mas este deve ser um período transitório, condicional e havendo condições deve se estabelecer, como norma, a plena democracia interna no Partido. É necessário o Partido encontrar, em cada situação histórico-concreta a justa relação entre a democracia interna e o centralismo a fim de que, de um lado, não caiamos no liberalismo e exponhamos o Partido aos golpes dos seus inimigos e, de outro, não acentuemos demasiadamente o centralismo, afogando a democracia interna e a luta de opiniões no interior do Partido. Surgindo em um país onde a classe operária é ainda muito jovem e recém-vinda do campo, de amplos setores da pequena burguesia urbana que se proletariza rapidamente, ao nosso Partido ocorrem, como é natural, importantes contingentes dessas camadas. Trazem ao Partido a influência ideológica da pequena-burguesia, particularmente o seu radicalismo. De outro lado, até o surgimento do PCB e mesmo algum tempo depois de sua fundação, as lutas de caráter progressistas no Brasil, em sua maioria, foram dirigidas pela intelectualidade e pelos estudantes e uma boa parte delas por militares patriotas que, atraídos pelas idéias do socialismo, vieram ao Partido trazendo sua bagagem ideológica e que dela não se desfazem sem dificuldades, para adotar o ponto de vista de

Corrigir os Falsos Métodos de Direção E Defender o Partido e Seus Princípios

CARLOS DANIELI

classe do proletariado, sua ideologia. Não tendo o Partido realizado plenamente o papel de reeducador, muitos desses camaradas, principalmente militares, honestos e abnegados militantes, influíram e influem no Partido e em seus métodos de direção. Acentuam-se tendências caudillescas e os métodos de direção militaristas, que tanto dano causam ao Partido. Penso ainda que certas concepções falsas sobre problemas do Partido contribuíram para a instituição do sistema criticado no Projeto de Resolução do CC. Uma dessas falsas concepções é a não distinção entre unidade e unanimidade. Muitas vezes, ao vemos restrições a uma opinião de um dirigente do Partido ou a uma posição política, viamos logo como germe de divisão, sem compreendermos que a luta de opiniões nos organismos partidários, longe de ser prejudicial à unidade e à disciplina, reforça-as pois ela se dá na base do esclarecimento das questões em discussão, obriga-nos a argumentar e aprofundar os problemas concretos, a examiná-los multilateralmente vendo os prós e os contras. A solução do problema é procurada na base da consciência de sua justiça. Isto não quer dizer que não devamos buscar a unanimidade, ela é desejável, mas não como condição de unidade, pois mesmo estando contra uma opinião majoritária os que estão em minoria são obrigados a defendê-la e aplicá-la. Sem dúvida que o culto à personalidade, sendo uma concepção estranha ao marxismo-leninismo, uma violação do princípio de que a História é feita pelas massas dirigidas pelos seus partidos de vanguarda em cada momento histórico, influenciou e agravou as consequências dos maus métodos de direção. No entanto, não considero como o fator fundamental no estabelecimento e desenvolvimento do sistema de direção instituído em nosso Partido, entre outras, pelas 2 razões seguintes: a) o culto à personalidade de Stalin surgiu, praticamente, em nosso Partido após o término da 2ª. guerra mundial; no entanto, os métodos impositivos, mandonistas, etc. existem em nosso Partido desde sua fundação; e b) mesmo que o culto à personalidade tivesse surgido antes em nosso Partido, não poderia ter tido influência decisiva nos maus métodos de direção, pois não conhecíamos os métodos utilizados por Stálin, muito, ao contrário, o conhecíamos como um camarada modesto, que praticava a direção coletiva, dava uma grande atenção às críticas das bases, etc. Assim sendo, não posso reconhecer como a causa fundamental dos maus métodos de direção empregados em nosso Partido o culto à personalidade, pois, superado este, estariam corrigidos os maus métodos de direção não havendo necessidade de outras medidas. Tratando-se de erros sistemáticos e não isolados, em todos os escalões partidários e não em um ou alguns, erros pelos quais todos nós temos uma parcela de responsabilidade, sua correção exige não só a crítica e autocrítica em palavras. Esta deve ser acompanhada de medidas efetivas de ampliação da democracia interna no Partido e da direção coletiva nos organismos partidários: reuniões mais regulares dos órgãos dirigentes do Partido de acordo com os prazos estabelecidos nos Estatutos; os participantes da reunião saberem com antecedência os assuntos a serem tratados e mesmo se possível os materiais a discutir, a fim de que possam melhor se preparar e opinar com conhecimento real de causa; os organismos dirigentes do Partido o dirigirem de fato, tomando coletivamente as resoluções e não um grupo restrito de camaradas tomando as resoluções de maior importância em nome do órgão dirigente; resoluções coletivas e responsabilidade coletiva e individual pelo cumprimento das resoluções adotadas, com prestação de contas dos secretariados aos organismos partidários e de cada membro, individualmente, ao coletivo dirigente do Partido; ouvir mais o conjunto dos militantes do Partido; suas opiniões e suas críticas e levá-las em conta na correção das resoluções adotadas ou na adoção de novas resoluções: uma justa política de quadros selecionando-os pelas suas qualidades políticas e

práticas; críticas serenas e responsáveis e não críticas intempestivas, etc., etc.,

Creio serem necessárias medidas que corrijam os erros cometidos e não apenas palavras em torno desta questão, falando apenas em democratizar a vida interna do Partido ou apresentando como solução «milagrosa» a substituição de dirigentes que aplicaram tais métodos, como fez o cd. Agildo Barata em seu artigo «Pela democratização do Partido», esquecido de que todos nós, é inclusive, estamos solidários e aplicávamos tais métodos. Não tomando medidas práticas de ampliação da democracia interna e da direção coletiva, pondo apenas fora alguns militantes, cometeríamos 2 erros: 1) — deixaríamos intacto o sistema e os maus métodos continuariam a ser aplicados, e 2) — deixaríamos de lado um método provado de desenvolvimento do Partido, a arma da crítica e da autocrítica e a possibilidade de militantes e dirigentes que erraram poderem se corrigir e ainda muito ajudarem o Partido com a sua experiência acumulada. Os camaradas chineses com razão dizem que os militantes que cometeram um erro mais difícilmente voltarão a repeti-lo, já têm sua própria experiência.

A correção dos erros e das falhas deve ser feita na luta prática, diária, na realização das tarefas partidárias. Nosso Partido é um Partido revolucionário, objetiva a libertação nacional e social do povo brasileiro, derrocar a dominação do imperialismo e de seus sustentáculos internos, realizar transformações radicais na sociedade brasileira, construir no futuro a sociedade socialista e comunista. O Partido não é e não pode ser um fim em si mesmo, mas o instrumento da revolução. A correção dos erros e a procura dos justos métodos de trabalho deve ser feita na ação política do Partido junto às massas, principalmente num momento em que o imperialismo norte-americano intensifica suas tentativas de arrastar o Brasil ao seu carro de guerra, ocupar Fernando de Noronha e outras bases no nordeste, abocanhar nossas riquezas minerais, o petróleo, os minérios atômicos, etc. A correção dos erros na política e nos métodos de direção do Partido deve servir para afiar mais ainda a única arma que o proletariado dispõe em sua luta pelo poder: a organização.

Na luta pela correção nos métodos de direção, devemos defender os princípios do Partido que podem ser enriquecidos tendo em conta a situação concreta em que atuamos e a experiência acumulada pelos nosso Partido e pelos Partidos irmãos, mas não podem ser deixados de lado ou revistos, mesmo à base de princípios, como estão se manifestando agora certas idéias revisionistas. Os princípios do Partido devem ser defendidos sob pena de o Partido perder suas características essenciais de um partido revolucionário, apto a enfrentar qualquer situação «pacífica» ou violenta e se transformar num partido pequeno-burguês democrata.

Uma das questões vitais para a revolução brasileira é a da existência de um partido marxista-leninista em nosso país. Cometendo erros e acertando temos caminhado nesse sentido. No entanto, em alguns artigos surgidos em nossa imprensa, a título de combater erros e falhas, apresentaram-se idéias francamente liquidacionistas. A defesa do Partido e de seus princípios assume uma importância igual à da luta pela correção dos erros e falhas e é condição essencial para a vitória da luta que travamos à frente de nosso povo contra o imperialismo e seus sustentáculos, pela paz e por um futuro melhor para nosso povo.

Para obter êxito o Partido precisa basear-se no centralismo democrático, ter sua democracia centralizada. Ao combater o excessivo centralismo e pugnarem por uma maior democracia interna, camaradas existem que na prática lutam contra o centralismo democrático, princípio diretor de organização do Partido. Já provado em todas as situações, de legalidade ou de ilegalidade,

nos períodos «pacíficos» ou nos momentos de viagem revolucionária. Se o centralismo democrático deve ser o princípio diretor de organização do Partido não está em causa. Trata-se de encontrarmos a justa relação entre o centralismo e a democracia, dentro do sistema do centralismo democrático e das condições concretas em que vivemos de legalidade.

Penso mesmo que nos últimos tempos tem sido o centralismo democrático o princípio do Partido que mais tem sofrido ataques. Certas medidas tomadas aparentemente como de ampliação da democracia interna na prática são anti-democráticas. Um exemplo disto é a de extensão do direito de voto a todos os presentes às reuniões. Auto-crítico-me por ter, inicialmente depois de certa relutância, considerado justa tal medida. Além de dissolver os comitês dirigentes, órgão máximo entre uma e outra Conferência, num mar de convidados, dissolvendo as direções partidárias que representam em maior ou menor grau a vontade do Partido dado que foram eleitas, apresenta o perigo de se conseguir uma maioria eventual em problemas de grande importância. Suponhamos que num organismo certas opiniões estejam em minoria. Através da presença de outros camaradas com direito a voz e voto pode se tornar majoritária, sem contudo expressar os interesses e o desejo do conjunto do Partido. Assim uma medida aparentemente de ampliação da democracia interna, além de se chocar com as normas estatutárias sobre os organismos dirigentes, torna-se a sua antítese.

Regendo-se pelo centralismo democrático, nosso Partido só pode ter uma única linha política e Estatutos únicos obrigatórios para todo o Partido, assim como um único centro dirigente entre um Congresso e outro, o CC. A submissão de todos nós militantes a esse princípio é condição para a vida normal nos organismos partidários e nos livrar da anarquia na vida interna do Partido. Os estatutos foram aprovados por um Congresso e só outro Congresso pode modificá-los. Embora possamos criticamente na base da nossa própria experiência ver modificações a serem introduzidas nos Estatutos, estes devem ser cumpridos enquanto não forem modificados. Nossos maiores erros tiveram como causa a violação dos princípios estatutários e não sua aplicação que nos garantiria a direção coletiva, a justa aplicação do centralismo democrático, uma política de quadros justa, etc. Daí não poder concordar em que os Estatutos podem ser violados porque, dizem alguns camaradas, «são uma cópia dos Estatutos do PCUS» (o que ademais não é verdade) ou então que os Estatutos «já foram violados, não faz mal violá-los para ampliar a democracia».

O Projeto de Resolução do CC coloca, em forma de consulta ao Partido, que seja examinada a conveniência de se garantir à minoria o direito de manter e defender suas opiniões. Os Estatutos do Partido determinam que, tomada uma resolução pela maioria, a minoria deve a ela se submeter e aplicá-la. A reabertura de discussão sobre tal questão poderá ser feita por decisão da maioria do organismo que a adotou ou por decisão do organismo superior. Enquanto estiver pendente a solução, a resolução adotada deve ser aplicada por todos os militantes. Isto é indispensável para manter um dos elementos da unidade do Partido: a unidade de ação. O Partido deverá examinar a questão do direito de minoria e sobre ela decidir vendo os prós e os contras. No entanto, assistimos camaradas que, interpretando a seu modo esta questão, julgam-se no direito não de defender a resolução adotada no organismo a que pertence mas sua própria opinião pessoal, difundindo-a pelo Partido. Os camaradas que assim agem rompem com o centralismo democrático, a submissão da minoria à maioria, põem em perigo a unidade do Partido, primeiro dever do comunista, levam à confusão alguns camaradas, causando prejuízo pois desorienta e a resolução não é aplicada plenamente.

As idéias liquidacionistas já não podem aparecer abertamente, pois seriam de imediato rechaçadas pelo Partido. Surgem, muitas vezes, veladamente. Uma dessas formas veladas é a que se esconde atrás da luta contra o «burocratismo». Em nosso Partido surgiram elementos de burocratismo, mas não um sistema burocrático. Muitas vezes honestamente, camaradas defendem a tese da liquidação pura e simples dos funcionários do Partido que, segundo eles, «são

(Conclusão da 10ª página)

A Polarização de Forças Políticas e a Posição do P.C.B.

JOAQUIM MAIA

O Projeto de Resolução do Comitê Central do PCB, diz: "Evidencia-se assim a tendência a uma polarização de forças no país. A atividade de nosso Partido tem sido orientada em geral, no sentido de acelerar esse processo".

Considero essas duas afirmações incorretas, porque não refletem a realidade, e, não se deve colocar o que foi escrito, como regra geral. É mais útil ao Partido analisar a realidade e não deturpá-la, consciente ou inconscientemente. A polarização de forças no país não se evidencia apenas em consequência e a partir do que foi mencionado no capítulo 3. Ela é a continuação de um processo histórico que os comunistas precisam examinar e, que está nos últimos 34 anos condicionado mutuamente com a vida do PCB, que conscientemente vem procurando influir, orientar, conduzir esse processo e por outro lado, sofre em seu próprio seio a influência desse processo, do ambiente exterior ao Partido. Em várias situações, a direção do PCB ignorou esse processo histórico, ou tentou mesmo, substituindo a realidade por seus desejos, conduzir o Partido contra esse processo histórico do desenvolvimento nacional.

A outra afirmação, sobre o sentido da atividade do PCB, revela pouco espírito autocrítico de seus autores. Ela ignora, oculta, que em muitas ocasiões (algumas recentes) a orientação dada pela direção central, não só não levava a acelerar o processo de polarização, como foi mesmo nefasta à polarização, obstaculizando-a.

Togliatti, em "A luta pelo caminho italiano para o socialismo", diz: "Houve erros, incapacidades evidentes das vanguardas comunistas e de suas direções em se integrar em certos processos históricos

nacionais, em compreender as tradições históricas dos diferentes países e a utilizar para dar ela à marcha para adiante das vanguardas comunistas, conquistando a direção dos grandes movimentos populares".

Estas palavras do c. Togliatti podem nos ajudar muito. Dependente só de sermos menos arrogantes, mais modestos, e compreendermos que a auto-crítica de nossos erros não pode ser superficial, igualitária, atingindo militantes que disciplinadamente cumpriam as resoluções, mesmo discorrendo, no mesmo nível que os dirigentes. A direção do Partido, que combate o igualitarismo pequeno burguês em outras questões, deve também nesta questão ser coerente e, assumir sem vacilações a maior parcela da responsabilidade.

Nos últimos 34 anos, nosso Partido raras vezes se integrou no processo de desenvolvimento histórico brasileiro. Em alguns acontecimentos decisivos nos omitimos, em outros, tomamos posições errôneas. Raras vezes soubemos utilizar as contradições entre as classes dominantes, visando a conquista de aliados e o avanço social capazes de aproximar os trabalhadores e o povo do poder (central ou local) e, daí, a limitada experiência acumulada e sistematizada pelo Partido, no momento em que começamos a pesquisar os possíveis caminhos do Brasil para o socialismo.

Quando a direção do Partido soube interpretar a realidade nacional como em 1934-35 (Antes da insurreição da A.N.L.) e, em 1942-45, conseguimos êxitos: estreitamos os

laços do Partido com o povo, ajudamo-lo a melhor organizar-se e defender seus direitos, conquistamos a legalidade, criamos nossa poderosa imprensa e o Partido cresceu de 3.000 para 200.000 membros. O mesmo sucedeu com campanhas isoladas, tais como, em defesa do petróleo, pela devolução das bases, contra o golpe, etc. Por outro lado, em consequência de omissões ou de posições sectárias e "esquerdistas" sofremos golpes dos inimigos, tivemos que retroceder, nos isolamos de parte do povo, temporariamente.

Repetimos frequentemente que a realidade objetiva existe independentemente de nossa vontade e consciência. Mas há camadas da realidade do C. Central, que tomando posições idealistas, afirmaram que o não existente em suas consciências não existe na realidade nacional. Por isso, essas camaradas deram considerável contribuição ao desenvolvimento do dogmatismo em nossas fileiras e, tirando proveito do atraso teórico da maioria dos membros do Partido e dos métodos de imposição e mandonismo, impuseram ora aberta ora sutilmente, ao Partido, um Programa que refletia mais suas consciências, seus desejos, seus conhecimentos incompletos da realidade nacional, do que a vida e as necessidades do povo e do país. Daí a explicação de porque, malgrado o esforço de todo o Partido, nosso Programa jamais se transformou em Programa de todo o povo.

Uma das questões que se procura negar é a industrialização do Brasil. Isso porque, uma vez admitida (e ela existe independente da vontade do Partido) teriam alguns ca-

maradas que deitar por terra uma série de dogmas e concepções falsas que "fundamentam" a tese de que o "Brasil está sob um atraso progressivo", que "o Brasil está se transformando em colônia dos Estados Unidos". Uma vez admitida que a industrialização do Brasil é um fato, teriam também essas camaradas que apreciar de forma diferente a correlação de classes sociais no país, as forças motrizes da revolução brasileira, e admitir a necessidade de modificação na estratégia e na tática do Partido.

Vários historiadores escreveram coisas interessantes que a auto-suficiência e a vaidade tola não devem obscurecer. Se eles também não conseguiram, às vezes, retratar a realidade de um modo completo, fizeram-no pelo menos em parte, e isso já nos ajuda. É um fato incontestável que a 1ª guerra mundial e as medidas protecionistas alfandegárias do governo Westcslau Brás possibilitaram o desenvolvimento industrial. Em 1907 são 3.250 indústrias e 150.841 operários. Em 1920 são 13.336 indústrias e 275.512 operários. A industrialização com capitais nacionais e estrangeiros provocou o crescimento da burguesia e da classe operária. A intensificação da produção para exportação (café, algodão, cacau) e cana, milho arroz etc. para o mercado interno levou a adoção de algumas normas agronômicas, e maiores investimentos de capitais na agricultura, os quais, entrelaçando-se em maior ou menor grau com os restos feudais (existentes em maior ou menor grau em cada região do país), levaram a partir desse período até nossos dias, de um lado a diferenciação entre os fazendeiros e latifundiários que se aburguesaram (uma parte), criaram indústrias rurais etc. e, de outro lado, a agrarização de comerciantes industriais e banqueiros, que, atraídos pelos grandes lucros do café, algodão açúcar, etc. investiram capitais no campo comprando propriedade agropecuárias, e aumentando a produção para o mercado. Assim, também no campo houve diferenciação de classe. As cidades cresceram, cresceu a burocracia oficial e o funcionalismo, o comércio se ampliou e a camada pequena burguesa urbana também aumentou consideravelmente. Na vida social começaram a ocorrer mudanças que prosseguem até nossos dias. Pequenas fábricas foram absorvidas pelas grandes; as usinas de açúcar engoliram milhares de engenhos, as grandes plantações de café de milhões de pés passaram a substituir as fazendas pequenas e médias. Foi o processo de concentração capitalista, que se desenvolve particularmente após a 1ª guerra mundial. O patrão "amigo", compadre, patriarcal, que trabalhava também na fábrica o senhor de engenho velho patriarcal, os fazendeiros que às vezes comiam na mesma mesa que os agregados etc., todos cederam lugar a patrões que passaram a usar outros métodos. Morreram o patriarcalismo, os senhores de engenho, os oligarcas municipais e estaduais do velho tipo (ainda há "coronéis" em muitas regiões) a bandeira da paz social, da calma bucólica e o servilismo nos campos do outora, tão de agrado do saudosista Sr. Gilberto Freyre, foram substituídas pelo agucamento da luta de classes. Todas as contradições da sociedade brasileira se aguçaram. A burguesia brasileira para manter as posições conquistadas durante a guerra e assegurar seu desenvolvimento, teve que se apoiar no nacionalismo, que cresceu em todos os países coloniais e dependentes, após a Revolução Socialista de Outubro. O movimento operário cresceu e houve a greve geral

em S. Paulo em 1917. Houve a campanha nacionalista de Olavo Bilac, surgiu o Movimento Modernista; foi fundado o P.C.B. em março de 1922. Houve luta contra a entrega do ferro à "Itabira Iron", pelo voto secreto, pelas liberdades e contra as oligarquias despoticas que dominavam a política nacional. Houve os movimentos de 1922 e 1924 com a marcha da Coluna Prestes. Em todo esse período já havia nacionalistas e entreguistas, democratas e reacionários; já havia polarização de forças políticas, independente de partidos, ante as questões fundamentais do país. Esse processo se aprofundou principalmente depois de 1930 e, ainda mais após a 2ª guerra mundial.

Qual a posição de nosso Partido ante os acontecimentos de 1922-1924 e a Coluna Prestes? Pelo que sabemos a posição do Partido foi de omissão, não tomando conhecimento da comecção que agitava o país. Por que não se apresentou ao Partido a análise da participação ou não do Partido nesses acontecimentos? Não teria sido mais justo o Partido apoiar a Coluna Prestes, participando dela, procurando dar-lhe conteúdo de classe e objetivos definidos e levantando palavras de ordem viáveis, para despertar os milhões de camponeses do interior do país? Por que o Partido não utilizou as contradições entre as classes dominantes, como ensina Lênin, não só para fortalecer-se como para dar mais coesão as forças anti-imperialistas do Brasil? Lembremos que, nesse mesmo período, o P. Comunista Chinês participava do Kuomintang, fazendo frente única com a burguesia chinesa de Chang Kai Chek, forjava seus dirigentes, ganhava aliados e fortalecia-se nas forças armadas.

Penso que o exame autocrítico dessas posições do Partido, não tem apenas importância de caráter histórico, mas também de caráter prático, pois até na atualidade manifestamos insegurança na política de frente única cometemos erros, e não estamos isentos de cometê-los no futuro à medida que a situação for se tornando mais complexa.

Outra questão importantíssima é a das consequências da crise cíclica do capitalismo em 1929-33 sobre nosso país, pois na crista da agitação social dela decorrente, deu-se a revolução de 1930. Nosso Partido, mais uma vez tomou posição errônea. Desta vez não foi só omissão, também ataques aos dois grupos da classe dominante que se digladiavam e, mais particularmente contra os tenentistas e Getúlio Vargas, que a meu ver, representavam as forças nacionalistas e do progresso social em contraposição aos reacionários e entreguistas representados por Otávio Mangabeira, Washington Luiz e outros. A Aliança Liberal era composta de forças heterogêneas, como são hoje as forças que elegeram e empossaram Juscelino. Havia nela, socialistas, moderados, liberais, e reacionários que segundo penso, se uniam pelo fator nacional, pois naquele período ainda o imperialismo dominante no Brasil era o inglês.

O c. Prestes, em Maio de 1930, naturalmente orientado pela direção de então do PCB lançou ao povo um Manifesto em que dizia, entre outras coisas:

"Mas uma vez, os verdadeiros interesses populares foram sacrificados e vilmente mistificado o povo por uma campanha aparentemente democrática, mas que no fundo, não era mais do que a luta entre os interesses contrários de duas correntes oligárquicas, apeladas e estimuladas pelos dois grandes imperialismos que

nos escravizam e aos quais os políticos brasileiros entregam de pés e mãos atados, toda a Nação".

Mas, a seguir, o c. Prestes revela que "as duas correntes oligárquicas", não eram exatamente iguais. Diz ele:

"Fazendo tais afirmações, não posso no entanto, deixar de reconhecer, entre os elementos da Aliança Liberal, grande número de revolucionários com os quais creio poder continuar a contar na luta franca e decidida que ora proponho contra todos os opressores".

Dizia ainda o c. Prestes: "Só um governo de todos os trabalhadores, baseado nos conselhos de trabalhadores, da cidade e do campo, solucionar tal programa". Além dados e marinheiros, poderá disso, o Manifesto pregava o confisco e nacionalização das terras, das vias de comunicações, serviços públicos, minas, bancos etc.

O que dizem os C.O. Brandão, Astrojildo Pereira, e outros que não conheço) dirigentes do Partido nessa época sobre essa orientação e posição dos comunistas? A que se atribui, na opinião do c. Fernando Lacerda e outros, o fato de nos apresentarmos com programa de medidas socialistas e pregarmos a organização de sovietes? Não fica claro, que teríamos aliados para uma revolução democrática, nacionalista (que iria despertar milhões de pessoas entorpecidas politicamente), mas, não teríamos aliados para uma revolução radical, socialista?

Penso que na época devia-se ter feito uma análise mais profunda da situação e examinadas as opiniões de revolucionários (mesmo não socialistas), como as de Juarez Távora por exemplo, que em resposta ao c. Prestes, dizia:

"Penso que a revolução não é privilégio de uma classe ou de alguns poucos predestinados. Deverá haver assim, lugar em suas fileiras para socialistas, revolucionários moderados, liberal-conservador, para civil e militar, para burguês e proletário". — Como piorou o Sr. Juarez nestes 26 anos! Mas, não se pode negar, que em 1930, tinha uma interessante concepção da frente única, mais ampla e flexível do que a dos comunistas.

O Gal. Isidoro Dias Lopes, em carta a Prestes dizia: "Discordo ainda de sua opinião quando afirma que fazer a revolução com elementos políticos da Aliança Liberal redundaria em trocar uns homens por outros, substituir Washington Luiz por Bernardes. Eu vejo a coisa de modo diverso e sempre me pareceu que uma revolução vitoriosa chefiada por você, grande esperança do Brasil, apoiado pelos revolucionários de julho, seus adeptos e simpatizantes em todo o país, pelas oposições de diversos estados, pela chamada Aliança Liberal, pela opinião pública, enfim, daria lugar à substituição do governo por uma ditadura republicana, que, consoante a lógica das revoluções vitoriosas, Washington seria substituído, mas por você ou por quem você chefe vencedor indicasse".

O PCB, em 1930, jogou a revolução pela janela, quando o poder estava ao alcance das mãos do c. Prestes, e do Partido. Ficou alheio ao processo de desenvolvimento nacional e não conquistou a direção do grande movimento popular. O sectarismo, o desconhecimento da realidade nacional, a aplicação mecânica e esquemática de palavras de ordem que haviam sido justas na Rússia, mas não eram no caso do Brasil (implantação dos soviets), a falta de uma justa política de aliados, da compreensão da etapa da revolução impediram que nesse Partido chegasse ao po-

(Conclui na 11ª página)

CORRIGIR OS FALSOS MÉTODOS DE . . .

(Conclusão da 9ª página)

Uma expressão do burocratismo ou então que precisamos substituir todas as direções, são uns burocratas". Há mais de 50 anos Lênin defendia que o Partido devia se compor de 2 partes: a) um círculo reduzido de militantes, que deviam formar os quadros de direção fixos, no qual deveriam entrar fundamentalmente revolucionários profissionais e b) uma rede de organizações de base do Partido integradas pela massa de filiados e rodeada da simpatia e do apoio de centenas de milhares de trabalhadores. Lênin colocava como fundamental para a existência de um movimento revolucionário sólido que tivesse continuidade e como condição para arrastar à luta o maior contingente de elementos da classe operária e de outras classes da sociedade, a existência dessas 2 partes componentes. A história do movimento comunista mundial em nosso país provaram a justeza da tese de que os partidos revolucionários do proletariado, na legalidade, ou na ilegalidade do poder ou lutando por ele, em todas as situações necessitam de ter camaradas que se dediquem profissionalmente às atividades partidárias.

Uma compreensão não justa desta questão levou-nos a cometer o erro de aumentarmos demasiadamente o número dos revolucionários profissionais, esquecendo o conselho de Lênin que tal contingente deve ser o mais restrito possível. Começamos a nos apoiar, para realizar as tarefas do Partido mais nesse grupo de militantes do que nas OOBs, o que conduziu à redução da capacidade de mobilização das massas pelo conjunto do Partido e ao surgimento do fenômeno negativo de que embora o Partido tenha crescido numericamente de forma substancial nos últimos anos não crescesse na mesma proporção sua atividade política junto às massas. Esta prática errada, foi agravada por uma compreensão mecânica do que é ser revolucionário profissional. Entendíamos apenas como camaradas que se desligam da produção, quando deveríamos entender como camaradas que se dedicam profissionalmente ao Partido e podem estar ligados a produção, digamos assim numa grande empresa, com a tarefa de construir o Partido. No fundo, esta prática

revela a subestimação do papel do Partido em seu conjunto, do seu papel dirigente na revolução. É uma necessidade corrigirmos o conceito de que é revolucionário profissional, ao mesmo tempo que a redução dos desligados da produção. Com isso, colocariamos junto às massas, ligados à produção como revolucionários profissionais, quadros qualificados que muito podem ajudar o trabalho do Partido. Ao tempo, nos obrigaria a voltarmos a nossa atenção para as OOBs no sentido da realização das tarefas que a situação política nos impõe. Talvez ajude, nesse sentido, a busca de novas formas de organização. Mantendo o princípio da organização do Partido por empresa, como fundamental, não seria também o caso de organizarmos os operários de dita empresa por seus locais de moradia? Facilitaria as reuniões e aumentaria o ativo do Partido.

No entanto, tudo isso não pode ser tomado como liquidação dos revolucionários profissionais. A aplicação dessa tese nos conduziria não ao trabalho junto às OOBs, pois trabalhando os dirigentes em sua totalidade 8 e mais horas na produção qual o tempo que sobraría para entrar em contacto e ajudar a organizar o Partido nas empresas? A liquidação pura e simples dos revolucionários profissionais nos levaria a perder certa soma de experiências e conhecimentos só adquiridos num período relativamente longo de atividade partidária, só dadas pela prática. Até que novos militantes adquirissem experiência, se fosse aplicada a tese da substituição das direções, teríamos na prática uma interrupção na atividade do Partido.

Essas algumas opiniões que pretendia expender neste artigo. Sendo os nossos erros, fundamentalmente, violação dos princípios, a correção dos erros só devem nos ajudar a fortalecer os princípios, que precisam ser defendidos. É condição essencial para a vitória da revolução no Brasil a existência de um Partido Comunista forte, de massas, baseado nos princípios do marxismo-leninismo. A construção desse Partido está em razão direta do esforço que dispendermos para corrigir nossos erros e para encontrar os justos métodos de direção do Partido e de trabalho do Partido com as massas.

Protesto da Câmara de João Pessoa Contra a Cessão de Fernando de Noronha

MEMORIAL COM QUATROCENTAS ASSINATURAS
EM CAMPINA GRANDE CONTRA O ATO DO GO-
VERNO ☆ AUMENTO DAS TAXAS ESCOLARES E
DAS TARIFAS DE LUZ E TELEFONE ☆ CARESTIA

JOÃO PESSOA (Do cor-
respondente) — A Câmara
Municipal desta cidade, a re-
querimento do vereador Luiz
Bernardo da Silva, aprovou
um protesto contra a entre-
ga da Ilha de Fernando de
Noronha ao governo norte-
americano.

Depois de denunciar com
veemência os objetivos guer-
reiros que envolve a cessão
de um pedaço do território
nacional aos belicistas tan-
ques e suas graves conse-
quências para o nosso país,
a Casa dos representantes do
povo de João Pessoa, assim
termina o seu protesto: «Fica,
pois, o protesto com uma
patriótica advertência aos
que concorreram para isso,
a fim de que todos tomem
conhecimento de que a nossa
pátria está em perigo e o
nosso povo indefeso, alvo de
perigos atômicos.»

Do nosso Correspondente
em Campina Grande, recebe-
mos o seguinte:

**AUMENTO EM TRAN-
SPORTES COLETIVOS** —
Apesar de se pagar o trans-
porte coletivo mais caro do
Brasil, em relação ao perí-
metro das circulares, que a
«Autoviária Rainha da Bor-
borema», empresa concessio-
nária exclusiva, de transpor-
te coletivos aumentara as ta-
rifas, com o beneplácito de
toda a bancada da UDN na
Câmara de Vereadores. Ape-
sar da resistência do Vere-
ador popular Oliveira Oli-
veira e mais dois seus cole-
gas do PSP, persistem os ve-
readores udenistas em cola-
borar com mais este assalto
à bolsa do povo campinense.

**AUMENTO DO CUSTO
DE VIDA** — Sem nenhuma
providência dos poderes Exe-
cutivo e Legislativo Muni-
cipais, o custo de vida tem
crescido assustadoramente.
Todo aumento salarial dado
em julho último já foi su-
perado pela carestia. O po-
vo pobre está desenganado
com os poderes públicos, es-
pecialmente os moradores nos
bairros, onde está faltando
tudo: transporte, assistência
médica e hospitalar, água e
trabalho.

CONTRA A ENTREGA

DE FERNANDO DE NORO-
NHA AOS AMERICANOS —
Repercutiu no seio da popu-
lação o gesto antipatriótico
do pres. da República entre-
gando Fernando de Noronha
para a aventura guerreira dos
belicistas americanos. Foi
enviado memorial ao Chefe
do Governo e outros aos di-
versos Deputados Federais
que compõem as diversas
bancadas, na Câmara, pedin-
do sua condenação naquele
Casa do Congresso. Para am-
bos os memoriais seguiram
mais de 400 assinaturas.

**ASSOCIAÇÃO DOS BAR-
BEIROS E CABELEIREIROS** —
Foi dirigido ao Ministro
do Trabalho um requerimen-
to pedindo a sua transforma-
ção em Sindicato. A Associa-
ção dos Barbeiros e Cabele-
ireiros tem se firmado entre
seus componentes como sen-
tinelas avançadas dos direitos
da classe que representa,
através de gestos democráti-
cos dos seus dirigentes.

TAXAS ESCOLARES —
É um verdadeiro absurdo o
que estão fazendo os dire-
tores de Colégios particulares
desta cidade: estão cobrando
Cr\$ 600,00 por matrícula e
Cr\$ 300,00 mensais, no 2º ci-
clo, evitando assim, que os fi-
lhos dos pobres tenham aces-
so àquelas casas de ensino.
Tudo isso para não falar em
fardamento e compra de li-
vros, que importam em mais
de Cr\$ 1.200,00 em suas
compras.

**TARIFAS DE LUZ E TE-
LEFONE** — O Prefeito Mu-
nicipal aumentou considera-
velmente os preços das ta-
rifas de luz e telefone. Paulo
Afonso, que foi esperada com
energia «abundante e barata»,
tem sido ao contrário: pouca
e cara. Paga-se, atual-
mente, por kwh a importân-
cia de Cr\$ 1,60 e a taxa te-
lefônica foi dobrada. É ge-
ral a insatisfação do povo,
comércio e indústria.

Voz dos Leitores

COMÍCIO ANTIMPERIALISTA EM CAMPO GRANDE

CAMPO GRANDE, (MG)
Do Correspondente. — No
dia 26 do mês próximo pas-
sado, realizou-se nesta ci-
dade, um grandioso e unitá-
rio comício, promovido pela
Comissão de Encampação da
Companhia Matogrossense
de Eletricidade (Bond and
Share), com o objetivo de
protestar contra o absurdo
aumento das taxas de luz e
força, imposto pelo truste
imperialista, ao povo cam-
pograndense. O comício con-
tinha com o apoio e a par-
ticipação de dirigentes, líde-
res e parlamentares de di-
versos partidos, de persona-
lidades destacadas, organi-
zações democráticas e sobre-
tudo da Assembléia Esta-
dual e do governador do
Estado.

O povo de Campo Gran-
de, o mais prejudicado pelo
assalto do polvo imperialista,
compareceu em massa à
praça pública, com suas fa-
ixas de protesto contra o
aumento das taxas de luz e
força; pela encampação da
Companhia; em apoio à
Comissão patrocinadora do
comício, etc.

Em todo o decorrer do co-
mício, os oradores condena-
ram a ação do truste contra
a economia popular e o de-
senvolvimento econômico do
Estado e lançaram a pala-
vra-de-ordem: «Não pagar
a luz até a vitória final».

Solidário com a luta do

POSTA RESTANTE

CAMPO DE MORÃO
(N. P.) — Recebemos carta
do sr. Rocha Xavier, comu-
nicando o resultado da Cam-
panha Pró-Imprensa Popular
e da coleta de assinatura para
reforma agrária, naquele mu-
nicípio e adjacências. Grato.

RIBEIRÃO PRETO (S. Paulo) — Carta do sr. Na-
zareno Ciavata, comunicando
a organização, naquela cidade,
de uma sociedade para estudo
científico, contando ainda com
o apoio de particulares. Muito
grato.

FLORIANÓPOLIS (Sta. Catarina) — Carta de J. F.
com denúncias que deixamos
de publicar por não poder ser
assinada, a pedido do missi-
vista. Volte a escrever.

SERVIDORES PÚBLICOS AMAZONENSES QUEREM RECEBER OS 10% ADICIONAIS

De Manaus, Capital do Es-
tado do Amazonas, escreve-
nos um assíduo leitor des-
te jornal para protestar con-
tra o fato de ser negada aos
servidores públicos esta-
duais, gratificação adicional
de 10% sobre os seus ven-
cimentos, por cada dez anos
de trabalho. Este direito, de-
clara o missivista, lhes é as-
segurado pelo Art. 198 da
Constituição Estadual. En-
tretanto, os médios e peque-
nos funcionários não gosam

- **TÔDA A CIDADE CONTRA A «BOND AND SHARE»**
- **O PREFEITO COLOCA-SE AO LADO DO POVO**
- **GOVERNADOR DO ESTADO E ASSEMBLÉIA ESTADUAL SOLIDARIZAM-SE COM A POPULAÇÃO NA SUA LUTA CONTRA O TRUSTE IMPERIALISTA**

povo, o prefeito desta cidade,
Sr. Marcílio de Oliveira Li-
ma se comprometeu a por
à disposição da população
uma equipe de electricistas

para realizar o circuito ali
onde a Companhia conces-
sionária conseguisse cortar.
Um dos oradores mais
aplaudidos foi o sr. Amoré-

sio de Oliveira que, ao con-
denar a ação deletéria da
«Bond and Share», mostrou
a cumplicidade do governo
federal com os trustes,
quando, a despeito da indig-
nação nacional, entregou a
Ilha de Fernando Noronha
aos norte-americanos. De-
nunciou ainda o corte or-
çamentário do Ministério da
Agricultura e do fundo de
eletrificação, levado a efei-
to pelo governo do sr. Jus-
celino Kubistchek.

A população de Campo
Grande está disposta a am-
pliar e fortalecer cada vez
mais a sua luta contra a
«Bond and Share».

EM APUCARANA

Cinco Mil Pessoas Contra O Aumento do Preço da Luz

APUCARANA (NP) Do Cor-
respondente. — Em dias do fim
do mês próximo passado, cer-
ca de cinco mil pessoas desta
cidade vieram à praça pública,
em defesa da sua economia es-
bustada pela Companhia dis-
tribuidora de energia elétrica.
A origem do justo protesto foi
a publicação de um pretendido
aumento da taxa de luz que, do
seu preço atual (Cr\$ 2,50) pas-
saria a ser cobrado o preço de
Cr\$ 7,50 cada quilote com
um aumento portanto, de du-
zentos por cento.

No dia marcado para o in-
ício da cobrança das taxas ma-
joradas, o povo, na praça prin-
cipal da cidade protestou con-
tra o aumento e revoltado com

a pouca atenção do prefeito e
dos vereadores aos seus justos
reclamos, passou a deprezar as
várias instalações da compa-
nhia, causando sérios prejuízos.
O sr. Moisés Lupinon, governa-
dor do Paraná, tomando conhe-

cimento dos fatos, prometeu to-
mar as devidas providências no
sentido de atender as justas re-
clamações da população de
Apucarana, não permitindo o
absurdo aumento pleiteado pela
COPEL.

A Polarização de Forças

(Conclui na 10ª página)
der através dos trabalhado-
res, e intelectuais, ao lado da
burguesia, pequena burguesia
e elementos nacionalistas de
outras classes, foram através
da ditadura republicana do
Gal. Isidoro, fosse através de
outra forma estatal que a
frente única encontraria.

O Sr. Antonio Carlos, es-
perto político mineiro disse
em 1930: «Fazemos a revolu-
ção antes que o povo a faça».
A burguesia tomou a frente
e fez a revolução arrastando
mesmo importante parcela po-
pular e trabalhadora da po-
pulação. Entretanto, pela au-
sência de uma forte ala es-
querda da Aliança Liberal, a
revolução de 1930 não foi con-
sequente, sofreu a influência
predominante de moderados
liberais e conservadores. Mas
ela marcou o fim do domínio
absoluto dos latifundiários e
fazendeiros. A força principal
no governo passou a ser a
burguesia, embora comparti-
lhando o poder com a peque-
na burguesia e até latifundiá-
rios.

A posição tomada ante o
«governo provisório» em 1930,
parece-me muito semelhante
a tomada recentemente ante
o governo de Getúlio (1950-54)
No governo provisório já ha-
via polarização (dentro e fora
do governo). Havia naciona-
listas e entreguistas, democra-
tas e reacionários. Lá estavam
Oswaldo Aranha, Juarez (di-
ferente de hoje), Lindolfo
Color, e de outros J.M. Whi-
taker e outros reacionários.

Em 1932-33 por falta de
apoio de massas ao setor de-
mocrático do governo houve
retrocesso democrático. Por
ex, Lindolfo Color era perse-

guido e exilado em Buenos
Aires. O PCB então atacava
o sr. Color mais ou menos da
mesmo forma errada como a-
tacamos em 1950-52 o patrio-
ta Gal. Estilac Leal. E Lin-
dolfo Color tinha sido impor-
tante fator de conquista de
leis sociais e legalização dos
sindicatos.

Em 1933, de Buenos Aires,
Color escrevia para o Diá-
rio de Notícias, e dizia «O
BRASIL irá para a democra-
cia social do século XX... Ire-
mos para o regime social das
organizações sindicais... Não
acredito possam as forças da
reação (Almanha e Itália
facista, J. Maia) intentar um
combate decisivo com as do
futuro. Estas estão em mar-
cha para a vitória... Pouco
importa que os amigos do
passado se enfureçam no Bra-
sil com as «novidades sociais»
dos tempos que vivemos. Essas
«novidades» não são brasilei-
ras, são mundiais. O Brasil
não pode viver segregado do
mundo. Nem o Celeste Impe-
rio com sua muralha conse-
guiu tal milagre. Os tímidos
ensaios sociais que a revolu-
ção de 1930 trouxe ao Brasil
valem pura e simplesmente
como reflexo da mentalidade
do mundo».

Convenhamos que o Sr.
Color, embora não marxista-
leninista, tinha brilhante vi-
são da política mundial, do
condicionalmente mutuo dos
fenômenos sociais brasileiros
com os mundiais e vice-versa
e, podíamos como podemos
ainda hoje, com modéstia
aprender alguma coisa com
ele, no que se refere ao en-
trelaçamento das reivindica-
ções sociais imediatas, com
as futuras, radicais.



Prestes Maia CANDIDATO DO POVO A PREFEITO DE SÃO PAULO

O C.R. Piratininga, do P.C.B., lançou um manifesto aos trabalhadores e ao povo de São Paulo, definindo a posição dos comunistas, de apoio a candidatura do sr. Prestes Maia, para prefeito da capital e Hudré Nunes, para vice.

Justificando essa posição, os comunistas reafirmam sua disposição de lutar, unidos a todos os democratas e patriotas, em defesa das reivindicações mais sentidas do povo paulista, por um programa mínimo, aprova de uma ampla CONVENÇÃO POPULAR.

Os difíceis problemas que enfrenta o povo da capital paulista, — falta de transportes e de escolas, alugueis exorbitantes, altos impostos e taxas, autonomia incompleta, administração demasiado centralizada etc. — poderão ter sua solução

encaminhada com a ampla participação democrática de todo o povo.

Diz o Manifesto do C.R. Piratininga: «O povo paulistano, nestes últimos anos, alcançou vitórias notáveis contra as forças da reação. Conta com um movimento sindical em crescente organização e unificação. Possui organizações populares como os Conselhos Distritais, as Associações de Amigos de Bairro e outras, que ganham prestígio e são um reflexo do desejo de unidade do povo na defesa de seus interesses e direitos. Na base da atual coalizão das forças políticas e populares, temos todas as possibilidades de assegurar uma significativa vitória, elegendo o sr. Prestes Maia e de dar novos passos no sentido de atender aos anseios populares e defender as liberdades democráticas.»

PROGRAMA MÍNIMO

1º — CONTENÇÃO DO CUSTO DA VIDA

Medidas práticas para conter a alta do custo da vida e pela melhoria do abastecimento. Contra os aumentos dos preços dos gêneros de 1ª necessidade e contra a elevação dos impostos indiretos. Ajuda técnica e financeira aos pequenos produtores agrícolas do Município. Combate aos especuladores e trustes.

2º — TRANSPORTE ABUNDANTE E BARATO

Melhoria do sistema de transporte coletivo. Colocar a CMTM a serviço do povo. Contra os aumentos de tarifas. Início das obras do metrô.

3º — ESCOLAS PARA A INFÂNCIA

Construção de escolas públicas em número suficiente. Reestudo e ampliação do Convênio Escolar entre o Estado e o Município. Aumento do quadro de professores.

4º — ASSISTÊNCIA HOSPITALAR E HIGIÊNICA

Aumentar o número de hospitais e leitos, na base de ajuste com o Estado, que deve aplicar parte da arrecadação do im-

pósto de vendas e consignações para esse fim. Criar prontos-socorros e creches. Construir e pôr em funcionamento restaurantes para trabalhadores e estudantes.

5º — MELHORAR E AUMENTAR OS SERVIÇOS PÚBLICOS

Reexame dos aumentos das tarifas da Light (luz, energia, gás e telefone). Exigir o cumprimento rigoroso, por parte dessa empresa, do seu contrato. Medidas para a quebra gradativa de seu monopólio. Estender o serviço de água e esgotos e obter a transferência do mesmo para o Município.

6º — URBANIZAÇÃO E CASAS PARA O POVO

Facilitar a construção de casas próprias para a população mais pobre, isentando-a de impostos e taxas etc. Melhorar a pavimentação das vias públicas especialmente nas vilas operárias. Construir estádios esportivos distritais.

7º — ADMINISTRAÇÃO DESCENTRALIZADA

Oficializar as subprefeituras. Continuidade administrativa do prefeito e luta por maior autonomia municipal. Cooperação entre os governos do Município, do Estado e da União, em benefício do povo. Reconhecimento dos Conselhos Distritais.

FRENTE POPULAR DE APOIO A PRESTES MAIA

A FRENTE POPULAR, que congrega trabalhadores, socialistas, comunistas, dirigentes sindicais e líderes populares, lançou um manifesto aos trabalhadores de São Paulo, assinado por deputados federais e estaduais, dirigentes nacionais do PTB, PSB, PTN, líderes sindicais, ex-deputados federais e estaduais do PCB, afirmando seu apoio à candidatura Prestes Maia e colocando-se em defesa dos seguintes pontos:

- emancipação do Brasil de toda a tutela ou do serviço de quaisquer interesses estrangeiros ao seu próprio bem;
- conservação e extensão das liberdades democráticas;
- defesa das organizações populares e da autonomia sindical;
- intangibilidade dos órgãos sindicais e

sindicalização das populações rurais;

- combate à carestia de vida;
- financiamentos à lavoura, transportes, centros de armazenamento e de distribuição;
- escolas para o povo;
- melhoria de transportes para os bairros mais distantes.

Entre os signatários se encontram: Newton Santos, presidente da Comissão Executiva Provisória do PTB, Euzébio Rocha, 2º vice-presidente do PTB; Nelson Omegna, deputado federal e vice-presidente do PTB, Ivete Vargas, deputada federal e 3º vice-presidente do PTB; Mário Schemberg e João Taibo Cadorniga, ex-deputados estaduais do PCB, além de inúmeros líderes sindicais.

FLAGRANTES DA CAMPANHA

VOTAÇÕES PRÉVIAS :

Iniciativa interessante, que se vem generalizando a diferentes bairros e locais de trabalho da capital paulista, é a realização de votações prévias, para saber qual o candidato que obtém maior percentagem de sufrágios populares.

No setor de transporte coletivo, por exemplo, mais de 60% dos «votantes» manifestaram-se a favor de Prestes Maia. Em Interlagos e Cidade Dutra, votaram 508 pessoas residentes nesses bairros, pertencentes na quase totalidade ao quadro de funcionários da CMTM e da Light: também aí, Prestes Maia obteve 50% dos sufrágios.

COMÍCIOS POPULARES NOS BAIRROS :

Milhares e milhares de pessoas têm participado dos comícios populares que se estão realizando em todos os bairros



Líderes operários vão diariamente às portas das fábricas para conchamar os trabalhadores a votar nos candidatos populares

ros paulistas. Penna, Vila Maria, Casa Verde, São Miguel Paulista, Ibaterraba, Água Rasa, Pirituba, Jaguará, Vila Anástacio são alguns dos bairros populares já atingidos pela intensa atividade dos centros eleitorais pró-candidatura Prestes Maia.

Nesses comícios têm falado, ao lado do governador de S. Paulo, Sr. Jânio Quadros, de deputados federais e estaduais, dirigentes políticos e líderes sindicais e femininas representantes do Partido Comunista do Brasil.

COMANDOS EM PORTA DE FÁBRICA :

Deputados, vereadores e líderes sindicais percorrem, em carros de propaganda da candidatura Prestes Maia, os bairros onde estão localizadas as mais importantes fábricas do grande centro industrial. Jafet, Ford, Matarazo, Nitroquímica, Goodyear, Brinquedos Estrêla, Nadir Figueiredo, Frigorífico Wilson, Brahma — são algumas das dezenas de fábricas e empresas visitadas pelos comandos eleitorais. Em todos esses locais, têm sido entusiástica a acolhida dos operários a seus representantes e líderes.

Os «comandos de dirigentes sindicais», diariamente, de manhã, na hora do almoço e no fim das jornadas de traba-

lho, dirigem-se para as portas das principais empresas de São Paulo e ali conversam com os trabalhadores, conchamando-os a votar em Prestes Maia, a 24 de março.

«TROFÉU PRESTES MAIA»

Operários de quatro fábricas — Refinação Geral do Brasil, Telescap, Lever e Pagé — resolveram realizar um Torneio de Futebol Inter-fábricas. Com operários trabalhavam entusiasticamente na preparação do Torneio, que despertou grande interesse entre os trabalhadores.

COMITÊS ELEITORAIS DE FRENTE ÚNICA

Dezenas e dezenas de comitês pró-candidatura de Prestes Maia funcionam ativamente em toda a capital paulista: dos trabalhadores marceneiros, serralheiros, carpinteiros, donas de casa, metalúrgicos, gráficos, intelectuais etc. Cerca de 800 comitês diários, nos diversos bairros, vilas, corporações profissionais, estavam sendo organizados nos primeiros dias de março.

Em meio a grande animação, foi instalado o Comitê Central Feminino, cuja presidente executiva é a sra. Maria de Lourdes Prestes Maia.

POR QUE APOIAR PRESTES MAIA?

- entre os candidatos surgidos, é o que tem mais condições de executar o programa mínimo aprovado na Convenção Popular.
- em torno da candidatura Prestes Maia estão unidos getulistas, janistas, socialistas e numerosas outras correntes, formando uma ampla coalizão de forças, capaz de conquistar a vitória nas urnas e determinar o cumprimento do Programa Mínimo.
- Prestes Maia é um patriota, com um passado de administrador e técnico competente e está disposto a permanecer na Prefeitura durante os 4 anos do mandato, atendendo ao reclamo popular. Isso possibilitará a continuidade administrativa e impedirá a transformação da Prefeitura em ponto de apoio para aventuras políticas.

SOMOS CONTRA ADEMAR DE BARROS PORQUE :

- colocou suas ambições pessoais acima dos interesses democráticos, da unidade popular.
- já traiu os compromissos assumidos para com o povo.
- apoiou medidas arbitrárias e antidemocráticas, como o fechamento de organizações sindicais e populares.
- pactuou com o fechamento do PCB e reprimiu greves e manifestações do povo a tiros e patas de cavalos.
- atacou a liberdade de imprensa, invadindo os jornais democráticos.

- mandou assassinar operários, camponeses e outros patriotas: Godoi Marma, Rossi, Malvone e Deoclécio Santana.
- a Prefeitura, para o Sr. Ademar de Barros não seria mais que um trampolim para alcançar o governo do Estado e, dêste, para a Presidência da República.

NÃO APOIAMOS PEDROSO HORTA porque é um candidato sem possibilidades de se eleger e sua candidatura tem um caráter nitidamente divisionista.

«O COMITÊ REGIONAL PIRATININGA do Partido Comunista do Brasil dirige-se em particular ao proletariado paulistano — grande força progressista e patriótica de nosso Estado — e o conchama a cerrar fileiras em torno da candidatura Prestes Maia. Os operários de São Paulo

e suas famílias constituem uma grande força política e numerosa parcela do eleitorado da Capital. Podem e devem decidir da eleição dos governantes da cidade. Unamo-nos em torno do nome do Sr. Prestes Maia !»
(Do Manifesto do CR Piratininga do PCB)